

BOLETIM

INDICADORES ECONÔMICOS- FISCAIS

DEZEMBRO
DE 2025





O Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina é uma publicação online e trimestral da Secretaria de Estado do Planejamento (Seplan), compartilhando dados quantitativos e qualitativos do desempenho da economia catarinense.

Jorginho Mello

Governador de Santa Catarina

Marilisa Boehm

Vice-Governadora de Santa Catarina

Fabricio Oliveira

Secretário de Estado do Planejamento (Seplan)

Lucas Amancio

Secretário Adjunto de Estado do Planejamento (Seplan)

Samires Felipe

Diretora de Políticas Públicas

Paulo Zoldan

Economista e Coordenador do Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais

Jean Samuel Rosier

Especialista Fapesc

Apresentação

O *Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina* apresenta dados e informações da economia do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o PIB, emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, volume de vendas e receitas do comércio, inflação e câmbio e expectativas de agentes econômicos. Aborda, ainda, a evolução dos dados fiscais do governo estadual, entre os quais as receitas e despesas, evolução da dívida, dos gastos com pessoal, do resultado primário e nominal, entre outros indicadores do governo e da economia estadual.

Além da atualização desses indicadores, o boletim apresenta os dados oficiais do PIB estadual divulgados até 2022 e uma estimativa preliminar para os anos de 2023 e 2024.

Na abertura desta edição, apresentamos ainda uma abordagem sobre nossa estimativa do PIB Catarinense para os doze meses encerrados em junho de 2025, sob o mesmo período anterior.

Os dados são atualizados trimestralmente, propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica do Estado, sua comparação com o país e o delineamento das tendências em curto prazo da economia.

Os dados e as informações aqui apresentados podem oferecer suporte à tomada de decisões estratégicas de agentes públicos e privados.



Sumário

Conheça a Economia Catarinense	5
Resumo Executivo: Contexto nacional e o desempenho econômico de Santa Catarina em 2025	6
1. Quadro Resumo	12
2. Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor	13
3. Indicadores Nacionais - Inflação e Taxa de Câmbio	14
4. Economia Internacional	15
5. Produção Agropecuária - Produção e Preços dos Principais Produtos	16
6. Produção Industrial Física	17
7. Volume e Receita Nominal das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	18
8. Volume de Serviços	19
9. Mercado de Trabalho	20
10. Desempenho dos Estados	21
11. Comércio Exterior	22
12. Empresas Ativas, Constituídas e Baixadas em Santa Catarina	23
13. Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica	24
14. Índices de Confiança	25
15. Receita Corrente Líquida - RCL	26
16. Receita Tributária	27
17. Receita Líquida Disponível	28
18. Outros Indicadores Fiscais	29
19. Indicadores da Dívida e do Resultado Primário do Estado	30

Nota explicativa

A Seplan não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Boletim de Indicadores. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.



Conheça a Economia Catarinense

A força de trabalho catarinense no terceiro trimestre de 2025 foi estimada em 4,566 milhões de pessoas, sendo que 97,6% delas estavam ocupadas. Em relação ao trimestre anterior, o número de pessoas ocupadas aumentou em 30 mil, enquanto em relação ao mesmo trimestre de 2024 houve um aumento de 31 mil pessoas.

Dos 4,459 milhões de ocupados, 56,7% estavam empregados no setor privado, dos quais 88% com carteira assinada. Esse foi o maior percentual do país, cuja média é de 74,4%. Outros 3,4% eram trabalhadores domésticos; 9,9% empregados no setor público e 4,9% eram empregadores; enquanto 24,2% trabalhavam por conta própria. Os trabalhadores familiares auxiliares representaram 0,9% da população ocupada.

Do total de catarinenses ocupados, 22,7% tinham seu trabalho principal na indústria geral; 18,1% no comércio; 15% na administração pública, defesa, segurança social, educação, saúde humana e serviços sociais; 13,9% nos serviços de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 6,8% na construção; 6,3% na agropecuária, florestas e pesca; 5,7% nos transportes, armazenagem e correio; 4,2% em outros serviços; 3,9% em serviços de alojamento e alimentação e 3,5% nos serviços domésticos.

A taxa de desocupação em Santa Catarina está em 2,3%, igual ao resultado registrado em Mato Grosso e a menor do País no trimestre, cuja média é 5,6%. A taxa teve alta de 0,1 ponto percentual (p.p.), o que representa 6 mil pessoas desocupadas a mais na comparação com o segundo trimestre de 2025. Em relação ao terceiro trimestre de 2024, a taxa catarinense caiu 0,3 p.p., o que representa 21 mil desocupados a menos. Atualmente são 107 mil pessoas desocupadas no Estado.

Os trabalhadores na informalidade totalizaram 1,1 milhão de pessoas, representando 24,9% das pessoas ocupadas, percentual que se manteve como o menor entre os estados, cuja média é de 37,8%. A taxa composta de subutilização da força de trabalho, de 4,4%, permanece inalterado em relação ao trimestre

anterior, sendo a menor taxa do país, cuja média é de 13,9%. O percentual de pessoas desalentadas foi 0,3% e permanece inalterado em relação ao trimestre anterior, sendo também o menor percentual do país, cuja média é 2,4%. Foram registrados 2 mil pessoas desalentadas a mais no trimestre.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por catarinenses (em todos os trabalhos) no segundo trimestre alcançou R\$4.199. Esse patamar representa um crescimento de 10,1% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e é o segundo maior do País. O rendimento médio nacional foi R\$3.507 no trimestre.

A massa de rendimento mensal habitual recebida de todos os trabalhos pelas pessoas ocupadas em Santa Catarina foi de R\$18,5 bilhões, um crescimento de 10,8% frente ao mesmo trimestre do ano anterior. Foi a sexta maior massa de rendimentos do trabalho no País.

Nosso Produto Interno Bruto (PIB) teve uma recuperação expressiva no pós-pandemia. Cresceu 6,8% em 2021, 1,8% em 2022 e 1,9% em 2023, quando atingiu R\$513,4 bilhões, o sexto maior do país. Naquele último ano consolidado, de 2023, o PIB per capita de R\$67.459,7 foi o quinto maior do Brasil. Em 2024, estimamos um crescimento do PIB de 5,2% para o Estado.

Diversidade cultural e produtiva, desenvolvimento territorial e humano e um extraordinário potencial de crescimento econômico são características que diferenciam nosso Estado e nos colocam como o segundo mais competitivo do país. Aqui encontram-se os melhores indicadores sociais e econômicos do Brasil.

Santa Catarina é o décimo Estado mais populoso do país, com 8,179 milhões de habitantes, dispersos em uma área de 95,7 mil km².

Veja mais detalhes nos estudos e estatísticas produzidos pela Diretoria de Políticas Públicas da Secretaria de Estado do Planejamento (Seplan) e acompanhe o [Boletim Trimestral de Indicadores Econômicos-Fiscais de Santa Catarina](#).

Contexto nacional e o desempenho econômico de Santa Catarina em 2025

A economia brasileira manteve-se aquecida ao longo de 2025, embora desde o primeiro semestre já demonstrasse sinais de desaceleração. O ambiente econômico esteve pressionado pelo patamar elevado da taxa básica de juros — que ficou em 15% ao ano desde junho do corrente exercício — um dos mais altos do mundo, restringindo o consumo e, sobretudo, os investimentos privados.

Apesar das dificuldades, o maior destaque do primeiro semestre foi o desempenho da Agropecuária, impulsionada por uma safra recorde de grãos como soja, milho, arroz e fumo. O setor gerou impactos positivos em diversas cadeias produtivas, dada sua elevada capacidade de multiplicar efeitos sobre a indústria e os serviços e seu papel decisivo no dinamismo econômico de grande número de municípios brasileiros.

Os Serviços também mantiveram desempenho favorável, mesmo diante de maior incerteza financeira, enquanto a Indústria mostrou ritmo mais moderado, refletindo diretamente o peso das taxas de juros restritivas e do crédito caro na tomada de decisão dos consumidores e investidores.

No âmbito fiscal, o governo federal enfrentou desafios adicionais para alcançar as metas de resultado primário, diante da dificuldade em elevar receitas e, ao mesmo tempo, conter despesas obrigatórias crescentes. A inflação ainda se manteve acima da meta, embora desse sinal de convergência para o intervalo tolerado até o fim do ano (expectativa que acabou se materializando). Esse quadro reforçou a necessidade de manutenção da política monetária contracionista por mais tempo do que se esperava inicialmente.

O contexto internacional seguiu bastante adverso. A guerra na Ucrânia permaneceu sem solução à vista, enquanto o aumento das tensões no Oriente Médio elevou a instabilidade geopolítica global. De forma ainda mais impactante, a adoção de uma ofensiva tarifária agressiva pelos Estados Unidos aumentou o protecionismo comercial global, afetando cadeias de produção e fluxos de comércio e investimentos no mundo inteiro. A volatilidade nos mercados financeiros internacionais aumentou e o dólar perdeu força em várias economias, ao mesmo tempo em que empresas passaram a adiar planos de expansão devido à incerteza prolongada.

Combinando esses fatores, o Fundo Monetário Internacional passou a projetar uma desaceleração do crescimento global para 2025. Para o Brasil, a expectativa foi ajustada para uma alta de aproximadamente 2,4%, inferior ao crescimento de 3,4% estimado para 2024 e alinhada à média da América Latina. O Ministério da Fazenda mantém projeções próximas a esse patamar, confirmado que o ciclo econômico atual deve ser marcado por moderação.

A economia catarinense manteve-se entre as mais dinâmicas do país em 2025, beneficiando-se de seu perfil de produção diversificado, intensivo em tecnologia e fortemente articulado com cadeias industriais e de serviços. O desenvolvimento regional segue relativamente disseminado pelo território, reduzindo vulnerabilidades estruturais e permitindo que diferentes setores sustentem o crescimento de forma complementar.

As exportações catarinenses continuaram em patamares historicamente elevados e com expansão robusta, influenciadas pelo bom desempenho das cadeias agroindustriais e manufatureiras. As importações também cresceram, acompanhando o maior consumo nacional de insumos industriais e bens de consumo.

As estimativas da SEPLAN/SC indicam que, nos 12 meses encerrados em setembro de 2025, a economia estadual cresceu 4,5% em relação ao mesmo período anterior. Uma desaceleração, portanto, quando comparado com a mesma estimativa de junho (5,4%) e a de março (6,9%). A economia brasileira, da mesma forma, passou de uma alta de 3,6% em março, para 3,3% em junho e para 2,7% em setembro, sempre na mesma comparação de 12 meses.

A Indústria total cresceu 3,2%, sendo que a de transformação avançou 4,2%, mantendo uma trajetória significativamente positiva. Os Serviços cresceram 4,3%, com destaque novamente para atividades ligadas à logística, à tecnologia, à administração pública e ao comércio. Os Serviços prestados às famílias, que incluem lazer, alojamento, alimentação e cuidados pessoais também tiveram bom desempenho.

No que se refere à Indústria de transformação, a alta foi influenciada por Máquinas e equipamentos (+8,2%); Vestuário (+6,6%); Alimentos (+4,8%); Não metálicos (4,8%); Metalurgia (+4,6%), Têxtil (4%), Máquinas elétricas (+3,6%), Papel e celulose (+2,9%); Produtos de madeira (0,7%); Borracha e plásticos (0,3%) e Veículos (-0,6%).

A Indústria foi a principal responsável pela desaceleração do crescimento entre as comparações de junho e setembro. Entre os segmentos que mais desaceleraram estão, na ordem, os de Produtos de madeiras, Máquinas elétricas, Veículos, Máquinas e equipamentos e Vestuário e acessórios. A Produção de borracha e Material plástico, que é um indicador antecedente da atividade econômica, teve também uma desaceleração significativa, de 2,1 p.p., passando de um crescimento de 2,4% na estimativa de junho para 0,3% em setembro. O segmento de Produtos alimentícios, ao contrário, teve aceleração do crescimento, já que passou de uma alta de 3,2% em junho, para 4,8% em setembro.

A desaceleração do segmento de Produtos de madeira decorreu, principalmente, da retração das importações dos Estados Unidos, após a imposição de tarifas pelo governo norte-americano ao setor. O impacto foi significativo, pois o país é o principal destino das exportações brasileiras desse segmento.

No setor de Serviços, a alta foi influenciada pela Administração pública (+6,3%), pelos Serviços prestados às famílias (+6%); pelos Transportes e armazenagem (+5,5%), pelos Serviços de informação (+5,2%), pelos Serviços profissionais e administrativos (+4,4%), pelo Comércio (+3,9%), pelas Atividades financeiras (+2,7%), pelos Imóveis e aluguéis (+2%) e pelos Serviços domésticos (-0,4%).

Entre os segmentos dos Serviços, as maiores desacelerações, na comparação com a estimativa de junho, foram nos segmentos dos Transportes e armazenagem, nos Serviços prestados às famílias e no Comércio.

O setor da Agropecuária voltou a se expandir de forma expressiva após um 2024 marcado por dificuldades climáticas. Contudo, por ter peso menor na economia como um todo, teve influência menor no resultado final. O índice de quantum da Agricultura cresceu 21% no acumulado dos 12 meses até setembro, impulsionado principalmente pela recuperação das principais culturas do Estado, como soja, milho, arroz, feijão, fumo, cebola, banana e maçã. A retomada ocorreu graças à combinação de melhores condições climáticas, ampliação da área cultivada em algumas culturas e ganhos relevantes de produtividade.

A Pecuária catarinense prosseguiu em trajetória de crescimento, alcançando o sétimo ano consecutivo de expansão. O quantum da produção avançou 2,9% no período, com crescimento de 3,4% na Avicultura e 1,4% na Suinocultura. Para a produção de leite, a estimativa da Epagri/Cepa foi de um aumento de 4,4%. O desempenho é reflexo do fortalecimento de cadeias agroindustriais altamente competitivas e orientadas tanto ao abastecimento interno quanto às exportações — o que segue sustentando o desenvolvimento econômico em diversas regiões do estado.

Esses resultados demonstram que Santa Catarina continua conseguindo aproveitar oportunidades tanto no mercado interno quanto externo, mesmo diante de um ambiente de maior incerteza nacional e global.

Além disso, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBCR) projeta um crescimento de 5,4% para a economia catarinense, em 12 meses encerrados em setembro, 0,9 p.p. acima de nossa estimativa. Esse índice é considerado uma prévia do PIB e estima o desempenho econômico das 13 maiores Unidades Federativas do Brasil. O índice situa o Estado com o segundo maior crescimento do País nesses últimos 12 meses até setembro, sob o mesmo período anterior, sendo somente superado pelo Pará (6%).

Apesar da trajetória positiva da economia catarinense em 2025, os indicadores já demonstraram desaceleração e devem se intensificar no quarto trimestre do ano. Isso ocorre tanto pelo efeito estatístico de uma base de comparação elevada quanto pelas condições mais restritivas esperadas para o ambiente econômico nacional e internacional.

Internamente, a permanência da taxa básica de juros em patamar muito elevado limita a expansão do crédito e desestimula novos investimentos, sobretudo no setor industrial. Embora os índices inflacionários venham

apresentando relativa estabilidade desde junho, a tendência de alta da inflação observada desde 2020 segue como fator de preocupação, já que tem impacto direto na política monetária e nas expectativas de crescimento de médio e longo prazo do País. Somam-se a isso as dificuldades do governo federal em gerar superávits primários e em reduzir o endividamento público — fatores que elevam a percepção de risco fiscal e reduzem o espaço para políticas de incentivo ao investimento produtivo.

Outro ponto de atenção é a sustentabilidade do consumo das famílias, que foi um dos principais fatores de impulso à economia nos últimos anos. O crescimento da renda, impulsionado por programas de transferência e políticas salariais, pode perder intensidade nos próximos meses. Além disso, os indicadores de inadimplência voltaram a subir, tanto no Brasil quanto em Santa Catarina, o que tende a reduzir o ritmo do comércio e dos serviços associados ao consumo.

Ainda assim, para o próximo ano, há fatores que podem contribuir para uma recomposição parcial da demanda: a isenção do Imposto de Renda (IR) para quem ganha até R\$5.000 mensais e a redução das alíquotas para salários entre R\$5.000,01 e R\$7.350 devem ampliar a renda disponível de uma parcela significativa dos trabalhadores, atenuando parte dessas pressões sobre o consumo.

Como famílias nessa faixa salarial destinam parcela relevante de sua renda à compra de alimentos, a medida tende a beneficiar diretamente o agronegócio, assim como estimular a demanda em outros segmentos de consumo básico.

No setor externo, as incertezas globais permanecem elevadas. O ambiente protecionista ampliado pela ofensiva tarifária dos Estados Unidos deve continuar gerando distorções nos fluxos comerciais, elevação dos custos produtivos e maior volatilidade cambial. A desaceleração global projetada também tende a reduzir a demanda por produtos industrializados e agroalimentares, impactando países emergentes com forte dependência do comércio internacional.

Ainda assim, o cenário para o Brasil apresenta alguma melhora com a recente retirada de parte das tarifas adicionais impostas pelos Estados Unidos, em novembro de 2025. A medida abre espaço para a recomposição das exportações em segmentos específicos, com destaque para os setores vinculados ao agronegócio, que figuram entre os principais beneficiados.

Combinando esses fatores, a expectativa é de que o crescimento da economia estadual continue perdendo fôlego nos próximos meses. A Indústria é o segmento que

deve sofrer desaceleração mais perceptível, em função do aperto monetário prolongado, do custo do capital e do enfraquecimento gradual da demanda. Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante a redução das incertezas sobre a política fiscal, de modo a permitir que o setor privado recupere confiança para ampliar investimentos e sustentar o nível de atividade econômica ao longo dos próximos anos.

Mesmo diante dos desafios conjunturais, Santa Catarina segue apoiada em fundamentos econômicos sólidos que sustentam sua competitividade relativa frente ao restante do Brasil. O estado apresenta uma composição produtiva altamente diversificada, com forte articulação entre Agropecuária, Indústria de transformação e Serviços, garantindo maior resiliência a choques econômicos e climáticos.

O crescimento regional é mais equilibrado que em grande parte do país, com polos industriais, logísticos e agroindustriais consolidados em diferentes regiões, o que amplia as oportunidades de geração de emprego e renda. As cadeias exportadoras permanecem robustas, com destaque para carnes, produtos florestais, cerâmica, máquinas e equipamentos, têxteis e tecnologia, contribuindo tanto para a inserção internacional quanto para ganhos de produtividade.

Santa Catarina também se posiciona como uma das economias com melhor ambiente socioeconômico do país. O estado permanece entre os líderes nacionais em indicadores de competitividade, educação, segurança pública, capital humano e qualidade de vida — fatores que contribuem para atrair investimentos e mão de obra qualificada, promover inovação e fortalecer a capacidade de crescimento de longo prazo.

Embora o ciclo atual aponte para uma desaceleração da economia brasileira e catarinense, os fundamentos estruturais do Estado permitem projetar a continuidade do crescimento acima da média nacional no horizonte à frente. Para isso, será determinante o avanço das agendas de credibilidade fiscal, modernização tributária, melhora das condições de investimento e estímulo à inovação, além da manutenção de políticas voltadas à redução das desigualdades regionais e ao fortalecimento das cadeias produtivas que caracterizam a economia catarinense.

Santa Catarina deverá seguir, portanto, como um dos protagonistas do desenvolvimento econômico do Brasil, preservando sua competitividade e sua capacidade de gerar riquezas, oportunidades e bem-estar para sua população.

Paulo Zoldan

Gerente de Indicadores Estratégicos
Seplan-SC

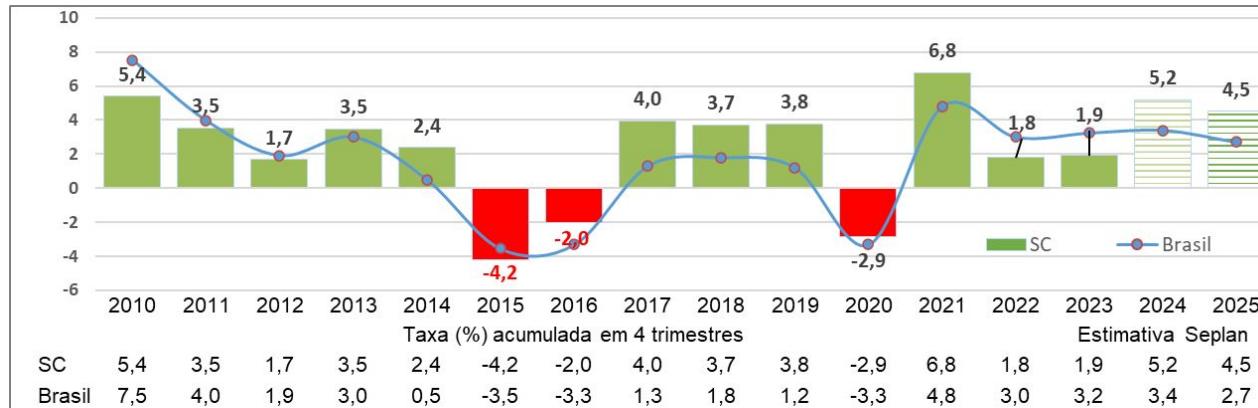
Andréa Castelo Branco

Economista
Epagri/Cepa

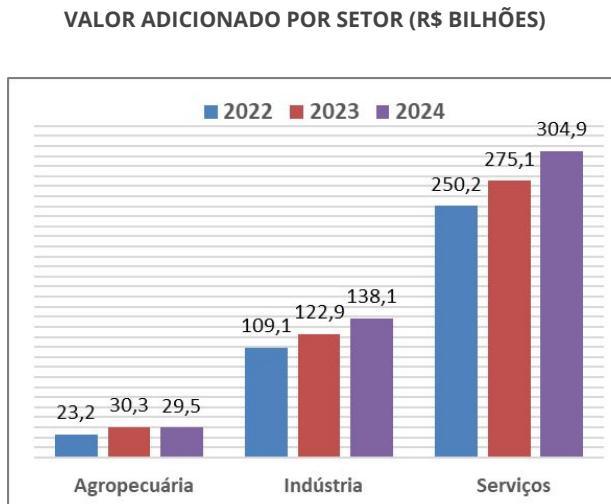
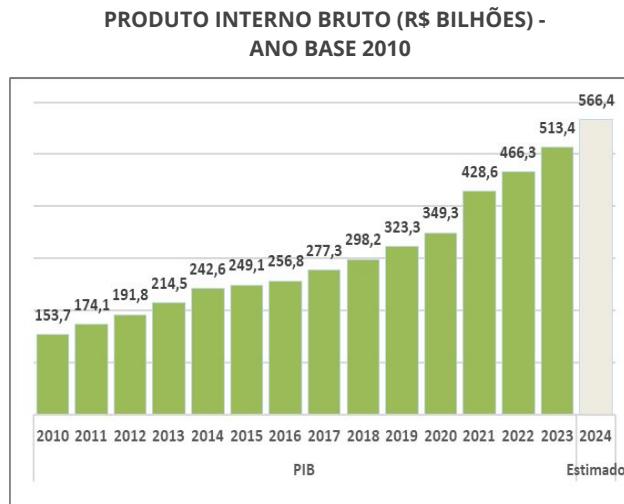
1. Quadro resumo: Indicadores da Atividade Econômica de Santa Catarina

INDICADORES	Mês de Referência 2025/2024	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)				Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)		
		Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses					
Receita Corrente Líquida - RCL	Outubro	- 8,5				0,1	8,8	8,9	8,5
Receita Tributária - RT	Outubro	- 7,6				- 1,1	5,0	6,2	7,6
ICMS	Outubro	- 7,5				0,2	5,2	5,8	7,5
Receita Líquida Disponível - RLD	Setembro	- 8,2				- 0,7	5,0	6,9	8,2
PIB SC 2025 - Estimativa Seplan (12 meses até ...)	Setembro	- 4,5							4,5
Empregos com Carteira Assinada	Outubro	- 2,6				0,2		3,9	2,6
Produção Industrial - Indústria de Transformação	Setembro	- 4,5				1,5	3,6	3,1	4,5
Exportações	Outubro	- 5,9				4,2	5,2	5,1	5,9
Importações	Outubro	- 2,5				7,0	- 5,8	1,6	2,5
Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Setembro	- 3,9				1,8	3,6	2,9	3,9
Receita das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Setembro	- 9,0				2,0	8,6	8,4	9,0
Volume de Serviços	Setembro	- 5,0				- 1,2	2,0	4,1	5,0
Volume das Atividades Turísticas	Setembro	- 5,6				0,9	- 3,6	3,2	5,6
Emplacamentos de Veículos Novos	Outubro	- 3,5				4,7	- 10,0	0,1	3,5
Consumo Aparente de Cimento	mar/25	- 7,9				7,5	12,4	- 2,3	7,9
Vendas de Óleo Diesel	Setembro	- 3,2				6,5	6,7	3,0	3,2
Consumo de Energia Elétrica - Total	Setembro	- 1,9				1,0	4,1	1,5	1,9
Inflação (IPCA/Brasil)	Outubro	- 4,7				0,1		3,7	4,7
Câmbio (Real x Dólar Americano)	Novembro	- 13,8				- 0,9	- 11,9	- 13,8	- 13,8

2. Produto Interno Bruto



2.1 Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor



Fonte: PIB 2010-2023: IBGE e SEPLAN/SC: Contas Nacionais e Contas Regionais; PIB Brasil 2024 a 2025: IBGE/ PIB Trimestral Nacional; PIB Estadual 2024 a 2025: Seplan/SC/ (estimativa Seplan do Índice da Atividade Econômica de Santa Catarina. O índice de 2025 se refere aos 12 meses encerrados em setembro, sob o mesmo período anterior).

ECONOMIA ESTADUAL GANHA PARTICIPAÇÃO NO PIB NACIONAL

Os últimos dados oficiais divulgados para o País e para os estados brasileiros apontam que o PIB de SC atingiu R\$513,4 bilhões em 2023 e registrou um crescimento em volume de 1,9%. O PIB brasileiro, por sua vez, cresceu 3,2% naquele ano e atingiu R\$10,943 trilhões. Os dados divulgados nos anos seguintes são estimativas ainda sujeitas a ajustes.

A economia catarinense se manteve como a sexta maior do País e aumentou sua participação na economia nacional, que passou de 4,6% para 4,7% entre 2022 e 2023. O PIB per capita do estado, de R\$67.459,7, foi o 5º maior do País, cuja média foi R\$53.886,7.

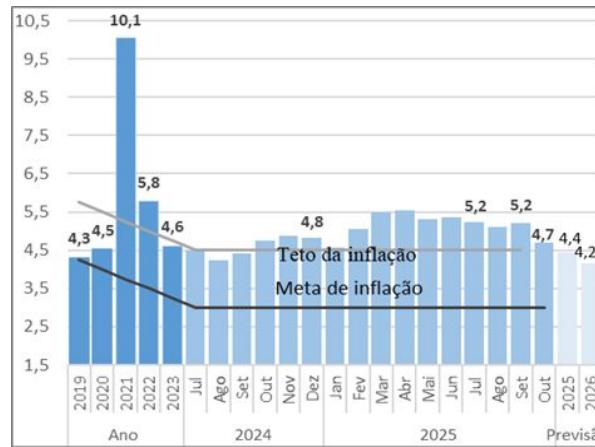
Em 2023, o setor Agropecuário participou com 7,1% do PIB estadual, enquanto a Indústria total participou com 28,7%, sendo 22,8% proveniente da Indústria de transformação. O setor de Serviços, com 64,2%, teve no Comércio a maior participação, com 15,7%.

Em 2024, estimamos um crescimento de 5,2% no PIB do Estado, que atingiu R\$566,4 bilhões, valores que foram atualizados nesta edição. O PIB brasileiro cresceu 3,4% naquele ano.

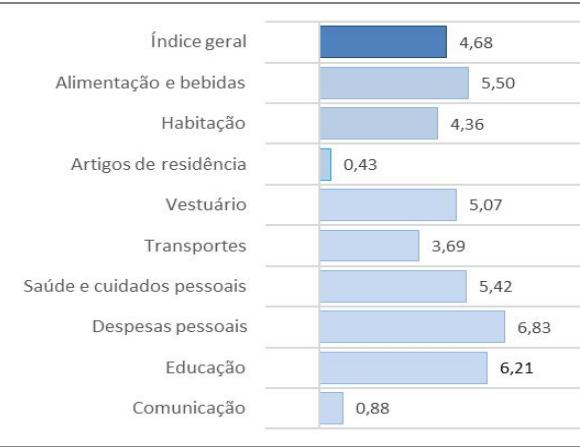
Em 2025, nos últimos 12 meses até setembro, sob o mesmo período anterior, estimamos um crescimento de 4,5% no PIB de SC, uma desaceleração, portanto, quando comparado com o desempenho de 2024. Ainda assim, o resultado ficou acima da alta estimada para o Brasil, nessa mesma comparação, de 2,7%. Maiores detalhes no texto de abertura desta edição.

3. Indicadores Nacionais - Inflação e Taxa de Câmbio

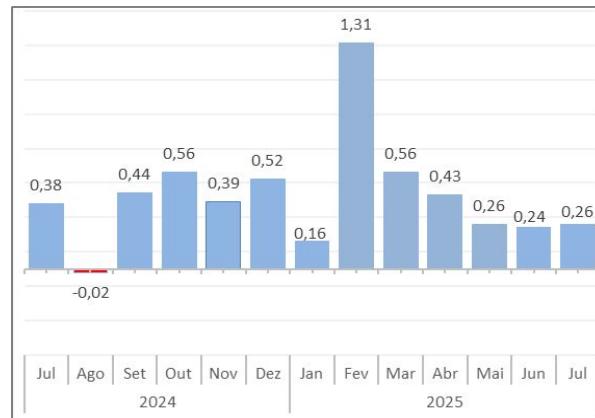
IPCA - VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)



IPCA: VARIAÇÃO (%) ACUM. EM 12 MESES POR GRUPO - OUTUBRO

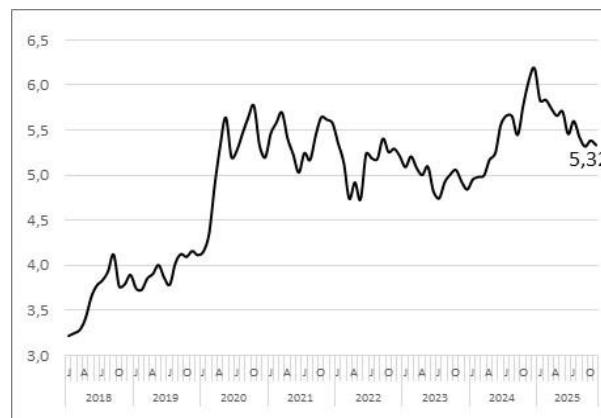


INFLAÇÃO MENSAL (%)



Fonte: IBGE/IPCA e Bacen: Boletim Focus

CÂMBIO (R\$/US\$)



Fonte: Bacen

INFLAÇÃO MANTÉM LENTO PROCESSO DE DESACELERAÇÃO

Com economia brasileira em desaceleração, uma safra agrícola recorde e o Real se valorizando, o mercado financeiro está mais otimista com as expectativas de inflação, tanto para 2025 como para 2026.

O índice de difusão, que mensura a proporção de subitens com variação positiva de preços entre os 377 componentes do IPCA, indica um resultado de 52% em outubro. Isso demonstra que, embora a inflação esteja menos disseminada, aumentos de preços ainda persistem em pouco mais da metade dos itens da cesta. Por outro lado, o núcleo de inflação que exclui as altas sazonais apresentou sinais de desaceleração em outubro, reforçando a leitura de que a pressão inflacionária subjacente segue em trajetória moderada.

Nos últimos doze meses, os grupos Despesas pessoais e Educação, registraram as maiores elevações acumuladas de preços. Já Alimentação e bebidas, pelo alto peso no índice, também teve contribuição expressiva.

No que se refere às tendências para os próximos anos, apesar dos riscos associados ao endividamento público, o Relatório Focus, do Banco Central, destaca que a inflação deve manter trajetória de desaceleração gradual. As projeções também apontam para um câmbio relativamente estável, o que contribui para reduzir pressões adicionais sobre os preços. Nesse contexto, espera-se que a taxa básica de juros entre em trajetória de queda nos próximos meses.

CÂMBIO: REAL SE FORTALECE EM 2025

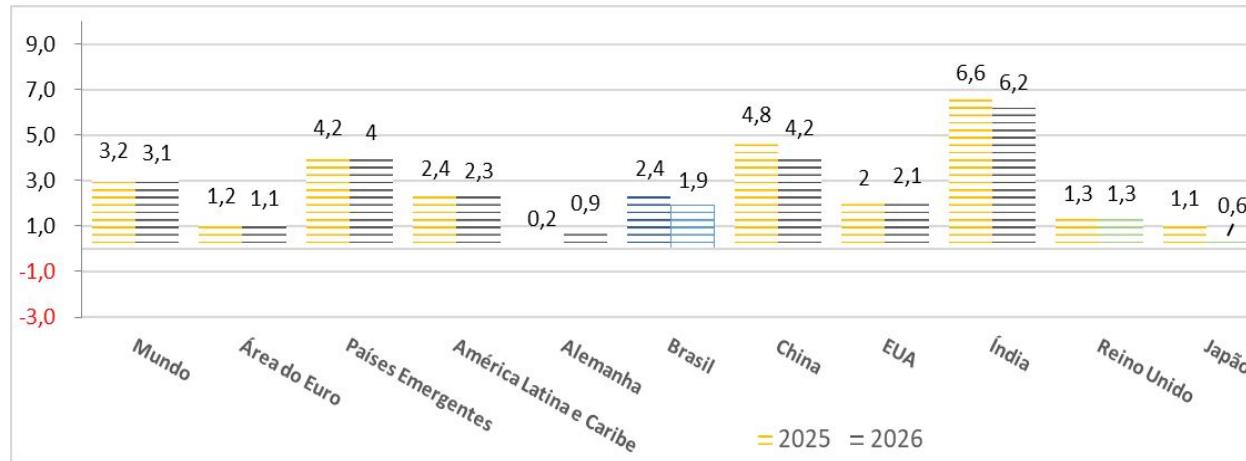
Em 2025, o Real passou a se destacar como uma das moedas de melhor desempenho mundial. Até o final de novembro de 2025, a moeda brasileira acumulava valorização de 13%. Depois de atingir patamar próximo a R\$6,20 por dólar no final de 2024, o Real fechou novembro a R\$5,3 por dólar.

Entre os principais fatores que explicam a valorização do Real, destaca-se o amplo diferencial de juros entre Brasil e Estados Unidos. A taxa básica brasileira permanece em torno de 15% ao ano, enquanto a norte-americana oscila entre 4% e 4,25%. Isso aumenta a atratividade relativa dos ativos domésticos e favorece a entrada de capital estrangeiro, fortalecendo a moeda brasileira.

Além disso, decisões de política econômica adotadas pelo governo Norte-Americano contribuíram para reduzir o dinamismo do dólar no cenário internacional, ampliando o movimento de apreciação cambial no Brasil.

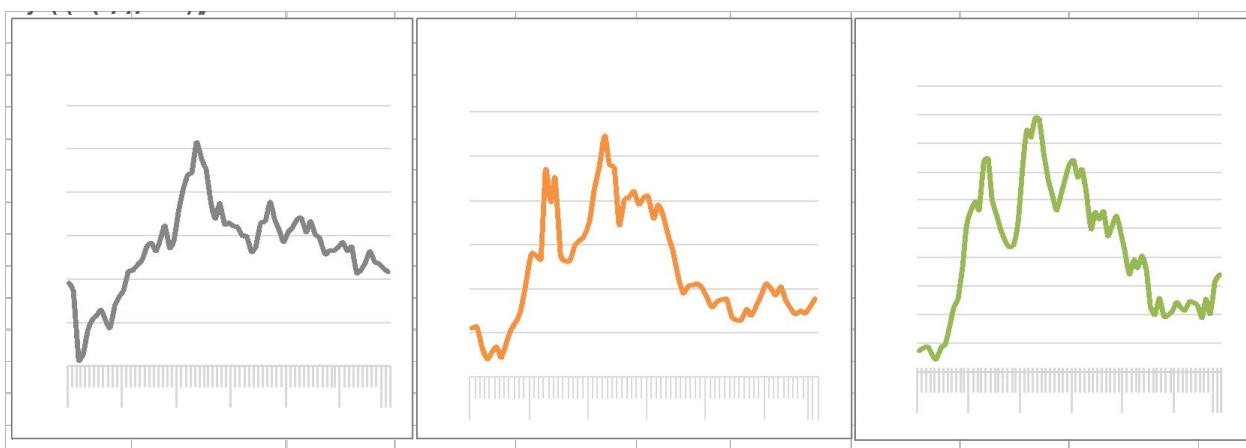
4. Economia Internacional

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) - Variação Percentual (%)



Fonte: FMI – World Economic Outlook – Outubro de 2025

COMMODITIES – PREÇOS NO MERCADO INTERNACIONAL (EM US\$)



Fonte: Bloomberg/Investing.com – 28/11/2025

CRESCIMENTO GLOBAL CONTINUA ABAIXO DA MÉDIA

O relatório de outubro das Perspectivas Econômicas Mundiais do FMI teve alterações pouco significativas, em comparação às projeções apresentadas na atualização de julho de 2025. O cenário reflete a gradual adaptação das economias globais às tensões comerciais desencadeadas pelos Estados Unidos, que ampliaram o nível de incerteza internacional e impactaram negativamente a confiança de investidores e agentes econômicos.

A economia global deverá registrar leve desaceleração no ritmo de crescimento, com a taxa projetada passando de 3,3% em 2024 para 3,2% em 2025 e 3,1% em 2026. Assim, o desempenho global permanece abaixo da média histórica de 3,7% observada entre 2000 e 2019.

As revisões nas projeções evidenciam uma heterogeneidade expressiva entre países e regiões, refletindo diferenças estruturais, de política econômica e de exposição às tensões comerciais e geopolíticas, conforme ilustrado no gráfico ao lado.

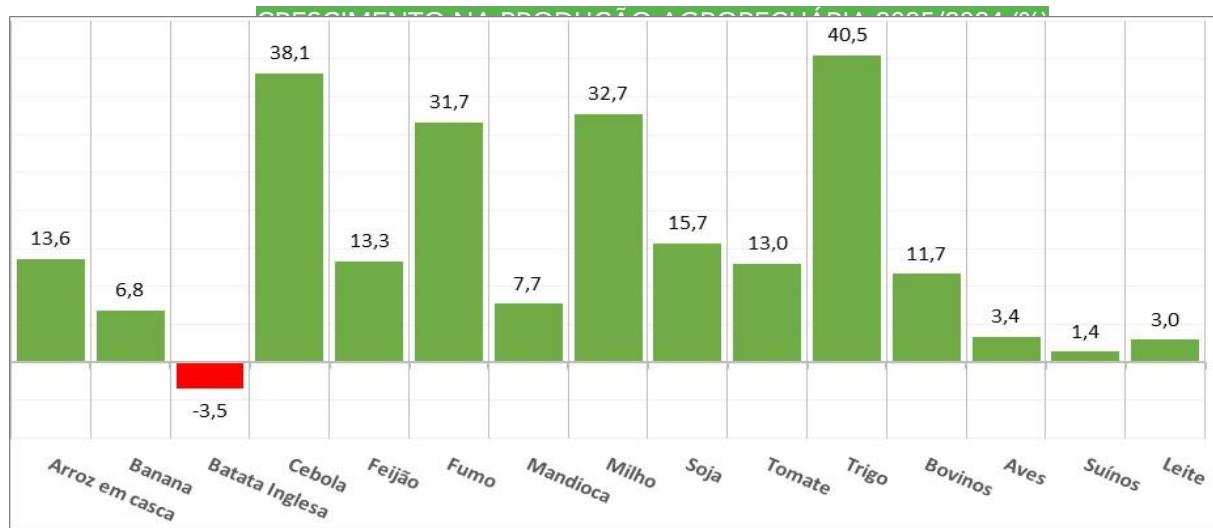
Para mitigar a incerteza global e restaurar a confiança dos agentes econômicos, o FMI preconiza que os formuladores de políticas atuem de forma coordenada, com o objetivo de restabelecer regras comerciais claras e transparentes e estimular o ambiente de investimentos produtivos.

O crescimento do PIB brasileiro para 2025 foi ajustado em (+) 0,1 p.p. para 2,4% e para 2026 em (-) 0,2 p.p. para 1,9%. O elevado endividamento público brasileiro segue como alerta.

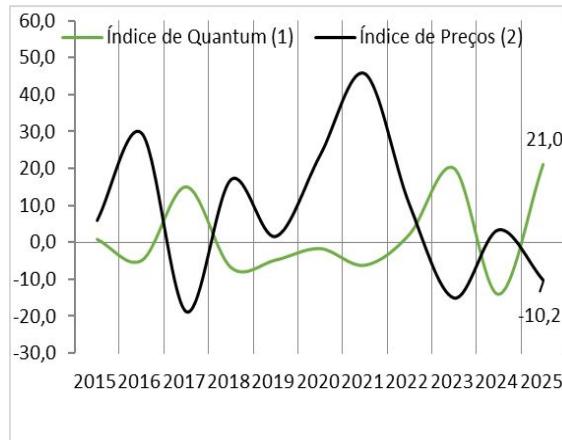
COMMODITIES

Após a alta explosiva dos preços internacionais das commodities, em função da retomada do crescimento mundial no período pós pandemia e do impacto da guerra na Ucrânia, os preços seguem em uma acomodação a patamares mais baixos. Nos últimos doze meses até 28 de novembro, o preço do milho recuou 2,3% e o do petróleo 15,3%. A soja teve alta de 12,6% nesse período.

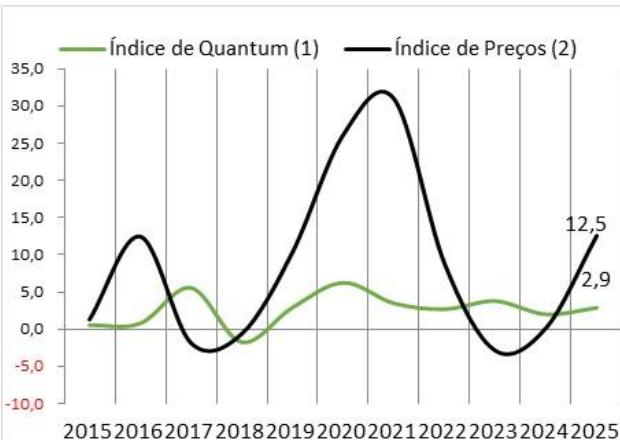
5. Agropecuária - Produção e Preços dos Principais Produtos



AGRICULTURA



PECUÁRIA



Fonte: EPAGRI/Cepa (Acompanhamento de Safras e preços médios mensais recebidos pelos agricultores de SC); IBGE: LSPA (Outubro de 2025) e Pesquisa Trimestral do Leite (2025/2024); EPAGRI/CEPA (a produção da pecuária se refere à variação dos quantitativos de todos os tipos de abates entre os nove primeiros meses de 2025 sob o mesmo período de 2024) e o índice de preços foi calculado sob as médias ponderadas de preços, sendo que para 2025 se refere as médias simples dos nove primeiros meses sob o mesmo período do ano anterior.

AGRICULTURA TEVE RECUPERAÇÃO EM 2025

A produção agrícola de Santa Catarina voltou a crescer em 2025. Após uma forte queda no ano passado, o índice de quantum* da agricultura, com base nos dados divulgados até outubro, teve alta de 21%, influenciado principalmente pelo avanço na produção de soja, milho, arroz, feijão, fumo, trigo e cebola.

De forma geral, a recuperação da produção deveu-se a uma combinação de fatores favoráveis, tais como as boas condições climáticas e o aumento da área cultivada e da produtividade, de acordo com as análises do Cepa/Epagri.

Esse aumento na oferta refletiu em queda nos preços recebidos pelo produtor. O Índice Geral de Preços** recebidos pelos principais produtos agrícolas do estado teve queda de 10,2%, influenciado principalmente pela retração nos preços da cebola, feijão, fumo, tomate e banana. Já a soja e o milho tiveram recuperação dos preços. No caso do milho, houve recuperação dos preços pela influência do elevado consumo interno em um ano de estoques globais reduzidos. No caso da soja, houve leve recuperação nominal dos preços, que acabaram sendo pressionados pelo aumento da produção interna e global.

No caso da cebola, os preços ao produtor foram pressionados pela oferta elevada, mas também houve perda de qualidade do bulbo armazenado. No caso do arroz, houve uma combinação de oferta elevada no mercado interno e nos países do Mercosul. Da mesma forma, a oferta determinou a queda no preço do feijão.

A produção pecuária continua crescendo. O quantum da produção cresceu 2,9% em 12 meses encerrados em setembro de 2025, sob o mesmo período anterior. A produção de frangos cresceu 3,4% e a de suínos, 1,4%. Foi o sétimo ano consecutivo de alta na pecuária. Já o índice de preços pecuários, após ter ficado próximo à estabilidade em 2024, teve uma recuperação nos nove primeiros meses de 2025, de 12,5%. Os preços de suínos (+22,2%) e do leite (+9,1%) tiveram as altas mais expressivas. O preço das aves teve alta de 7,1%.

No caso da suinocultura, além da oferta mais restrita, houve aumento das exportações. Na avicultura houve aumento de produção e os preços também se mantiveram sustentados pelo aumento das exportações.

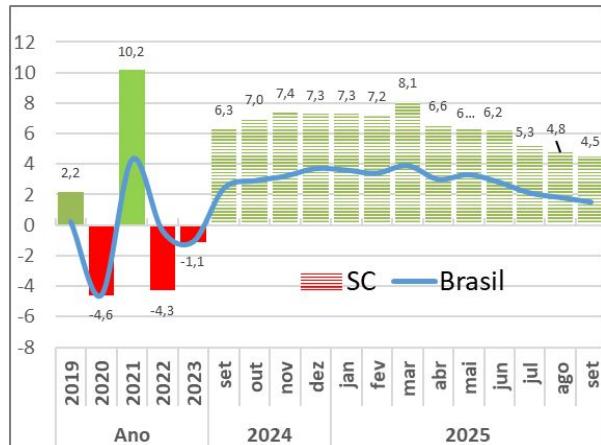
*O índice de quantum tem como objetivo medir o desempenho físico da produção do setor em nível estadual.

**O índice de preços mede as mudanças relativas nos preços correntes dos produtos. Portanto, é um acompanhamento da variação média dos preços dos produtos.

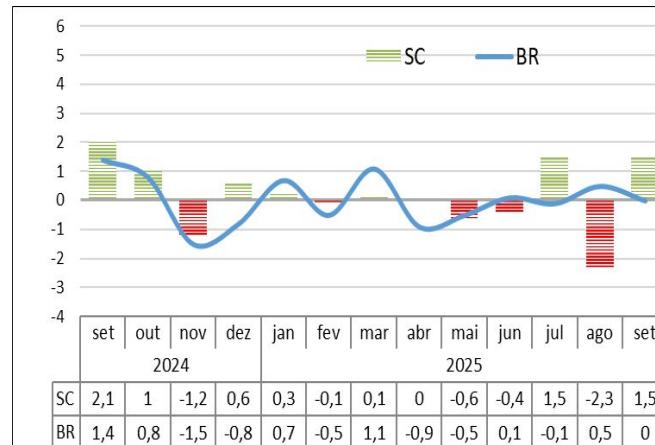
6. Produção Industrial Física - Indústria da Transformação

TAXA DE CRESCIMENTO

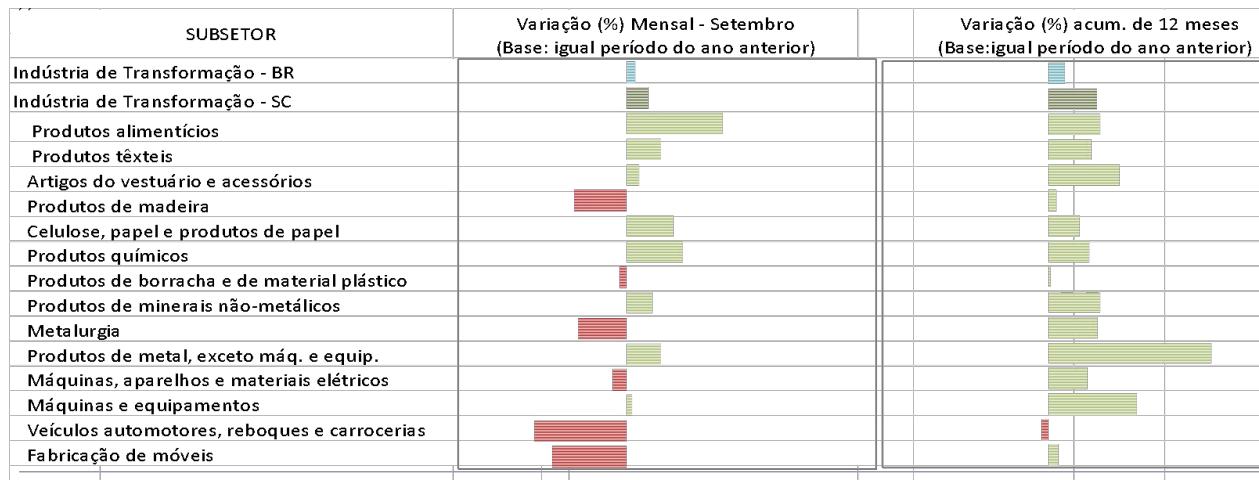
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



VARIAÇÃO MENSAL (%)
(Base: mês/mês anterior)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR SUBSETOR



Fonte: IBGE/PIM

PRODUÇÃO INDUSTRIAL CATARINENSE PERDE FÔLEGO

A produção industrial está retrinando, tanto em Santa Catarina como na média do Brasil.

Nos últimos doze meses encerrados em setembro, a indústria catarinense acumulou crescimento de 4,5%, bem abaixo do verificado em 2024 e também na mesma comparação do primeiro trimestre do corrente ano. Foi o sexto mês consecutivo de desaceleração. Na média brasileira, o crescimento foi bem menor, de 1,5%, e também aponta uma rápida desaceleração.

Ainda que perdendo fôlego, a indústria catarinense teve o segundo maior crescimento do país e o maior entre os estados do Centro-Sul. A indústria do Pará liderou, baseada principalmente no avanço da extrativa e na transformação de matérias primas.

Os principais vetores de crescimento da indústria estadual nesses últimos 12 meses foram a fabricação de produtos de metal, de máquinas e equipamentos, de artigos do vestuário e acessórios, de minerais não metálicos e de produção de alimentos, conforme pode-se observar nos gráficos ao lado.

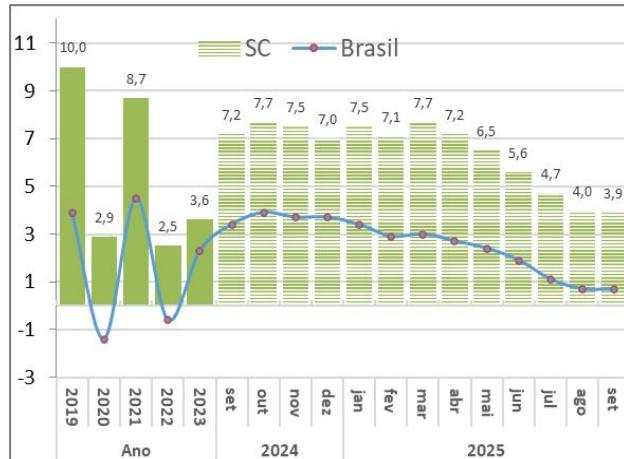
De acordo com a Sondagem Industrial realizada pela CNI, os principais entraves enfrentados pela indústria nacional no terceiro trimestre foram as taxas de juros em patamar elevado, a retração da demanda interna e a elevada carga tributária. A entidade também apontou a escassez ou o alto custo da mão de obra qualificada, como uma dificuldade que vem sendo enfrentada pelo setor.

No caso de Santa Catarina, as taxas de desemprego em níveis historicamente baixos, o crescimento do emprego e da renda, a diversificação da estrutura industrial e o bom desempenho de segmentos exportadores contribuíram para o resultado superior da produção industrial do Estado em comparação ao desempenho nacional.

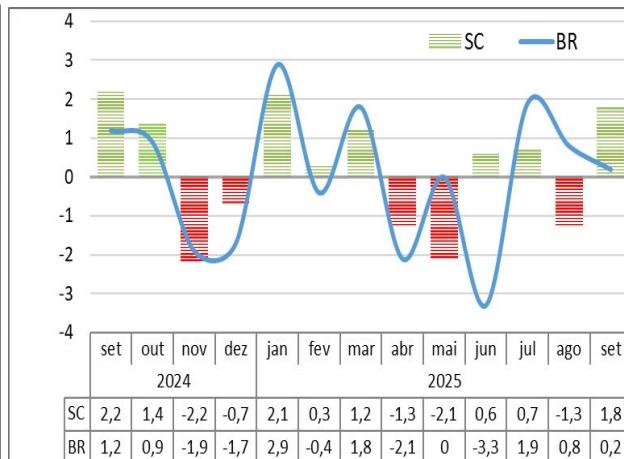
7. Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado

VOLUME DE VENDAS

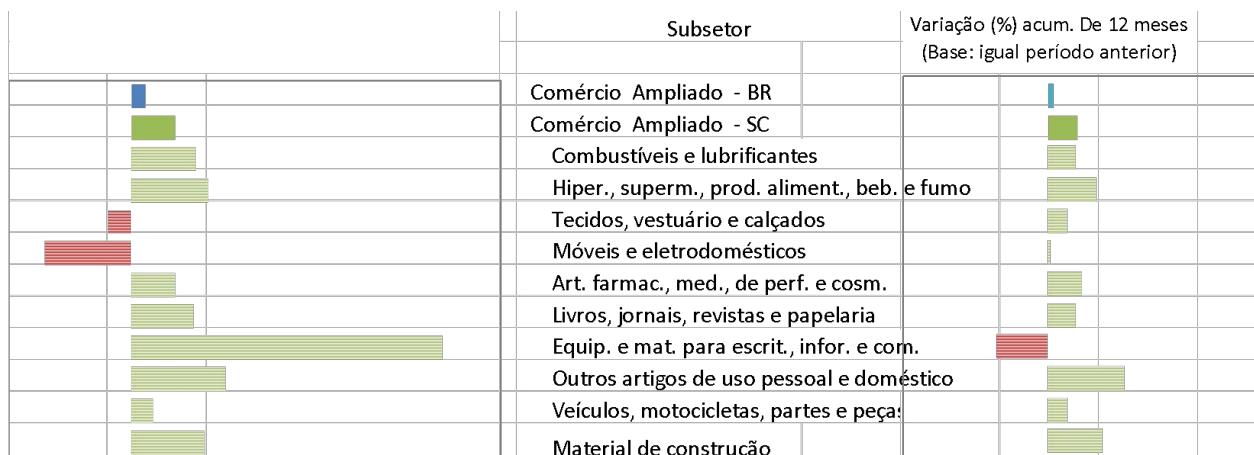
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



VARIAÇÃO MENSAL (%)
(Base: mês/mês anterior)



VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE



Fonte: IBGE:PMC

VAREJO ESTADUAL ESTÁ CRESCENDO MENOS

O varejo ampliado estadual continua crescendo significativamente acima da média nacional, tendência que vem se mantendo desde 2023. No entanto, observa-se uma desaceleração desse crescimento, tanto no estado como no País. Ainda assim, o crescimento em Santa Catarina se mantém a uma taxa robusta.

Nos 12 meses encerrados em setembro, sob o mesmo período anterior, as vendas do ampliado cresceram 3,9% em SC e 0,7% na média brasileira. Uma rápida desaceleração, portanto, quando comparado com o crescimento observado ao longo de 2024 e início de 2025.

A inflação ainda alta e os juros em patamares históricos estão contendo o crescimento econômico e explicam, em parte, a desaceleração do comércio. Adicionalmente, o ambiente de maior pessimismo entre os empresários, a retração na intenção de consumo das famílias e o avanço do endividamento ao longo deste ano constituem elementos relevantes que estão limitando um maior dinamismo do varejo no período.

No entanto, outros fatores vêm sustentando as vendas, vinculados à combinação de fatores como a reabertura da linha de crédito consignado para trabalhadores do setor privado, a liberação de recursos provenientes do pagamento de precatórios e a resiliência do mercado de trabalho. Santa Catarina se destaca, ainda, com a menor taxa de desemprego do país, o segundo maior rendimento médio real mensal e a sexta maior massa de rendimentos.

Como se observa, na comparação dos últimos 12 meses, os segmentos que apresentam maior dinamismo no estado são: Outros artigos de uso pessoal e doméstico (10,6%); Materiais de construção (7,5%) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (6,7%). Esses grupos registraram as variações mais expressivas no período analisado.

Espera-se um aquecimento ainda mais intenso no último trimestre de 2025, impulsionado pelas promoções da Black Friday, em novembro, e pelo aumento sazonal da demanda associada às festas de fim de ano.

8. Volume de Serviços

TAXA DE CRESCIMENTO

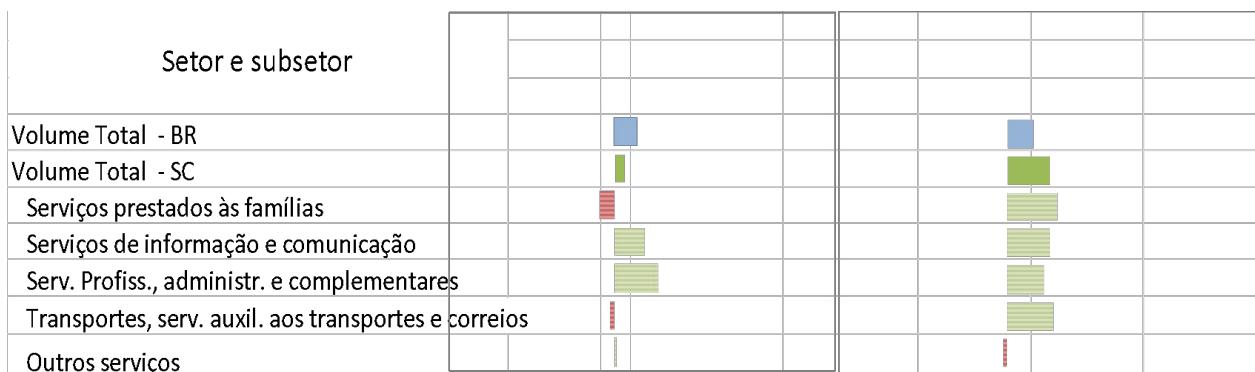
ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



VARIAÇÃO MENSAL (%)
(Base: mês/mês anterior)



TAXA DE CRESCIMENTO DO VOLUME DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES



Fonte: IBGE/PMS

SETOR DE SERVIÇOS SE MANTÉM RESILIENTE

O setor de serviços continua se mostrando resiliente, mesmo diante dos desestímulos à atividade econômica que vêm sendo implementados para controlar a inflação. O setor vem crescendo a taxas elevadas desde 2021.

Observa-se, no entanto, uma tendência de acomodação do crescimento em um patamar mais baixo, explicado não somente pela base alta de comparação, mas também como reflexo de uma desaceleração que já vem ocorrendo na indústria e no comércio.

Ainda assim, o volume de serviços no estado cresceu 5% nos últimos 12 meses, sob o mesmo período anterior. Na média do País, cresceu 3,1%.

Entre os fatores que explicam esse desempenho do setor no estado está o maior dinamismo da economia catarinense na comparação com a média brasileira. Observa-se, em SC, uma taxa de desemprego na mínima histórica, uma massa de rendimento em alta e um robusto dinamismo da indústria e do comércio, que demandam diversos serviços. Os indicadores de endividamento das famílias no estado, ainda que tenham piorado nos últimos meses, estão em patamares acima da média.

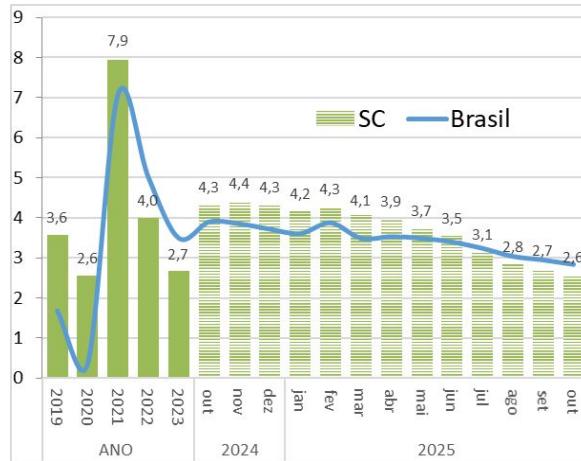
Os serviços prestados às famílias e os de transporte são os de maior peso na Pesquisa Mensal dos Serviços e foram os segmentos de maior crescimento nos últimos 12 meses. Eles vêm sendo estimulados seja pela alta na renda, pelo transporte da safra agrícola, ou por demandas derivadas da produção de outros bens e serviços. O desempenho por segmento pode ser observado nos gráficos ao lado.

O volume de receitas dos serviços tem crescido a taxas robustas no período pós-pandemia. Em SC, após retrair 3,9% em 2020, cresceu 14,8% em 2021, 5,4% em 2022, 8% em 2023 e 6,5% em 2024. Em todos os períodos, à exceção de 2022, o desempenho do setor no estado superou o nacional.

9. Mercado de Trabalho

**TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO FORMAL
ACUMULADA EM 12 MESES (%)**

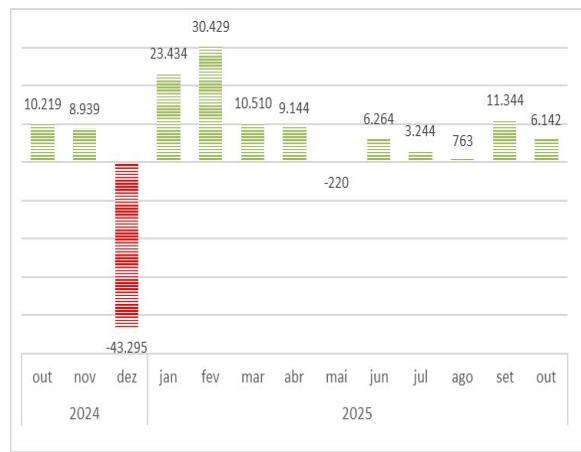
(Base: 12 meses anteriores)



SC: SALDO DO EMPREGO FORMAL EM 12 MESES
(em Mil)



**SC: EVOLUÇÃO DO SALDO MENSAL
DE EMPREGOS FORMAIS - 2024/25**



Fonte: MTE/Novo Caged

SERVIÇOS LIDERAM EM 2025

Os efeitos da alta dos juros por um período prolongado promovida pelo Banco Central já se fizeram sentir. A economia está em desaceleração e o mercado de trabalho está contratando menos.

A geração de novos postos formais de trabalho se mantém em trajetória de queda nesse segundo semestre do ano, tanto em Santa Catarina como na média brasileira. Na perspectiva de 12 meses, sob o mesmo período anterior, observa-se uma queda contínua na taxa de crescimento do emprego, que atingiu 2,6% em outubro no estado. No período, foram criados 66,7 mil novos postos de emprego formal em Santa Catarina, conforme pode-se observar nos gráficos ao lado.

No acumulado do ano até outubro, a economia estadual gerou 101.061 novos postos, o sexto maior saldo do País. Esse saldo representa uma alta de 3,9%, a qual ficou acima das médias de crescimento da região Sul (3,6%) e do Brasil (3,8%).

Nesses dez primeiros meses de 2025, os serviços lideram as contratações, com 50.115 novos postos, influenciados principalmente pela abertura de postos em Serviços de informação e comunicação e na Administração pública.

A Indústria de transformação retomou o crescimento em 2024 e continua com um desempenho expressivo. No acumulado de 2025, abriu 25.798 postos. A construção civil gerou outros 12.514 postos e o comércio 10.403.

Os maiores saldos de emprego na indústria no acumulado deste ano foram na Fabricação de produtos alimentícios (+5.790), seguido pela Fabricação de produtos têxteis (+3.712), pela Confecção de artigos do vestuário (+2.943) e pela Fabricação de máquinas e equipamentos (+2.253).

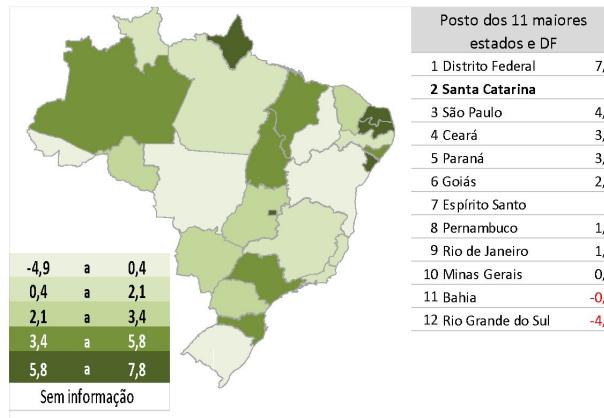
**SC: SALDO POR SEGMENTO
Acumulado em 2025**



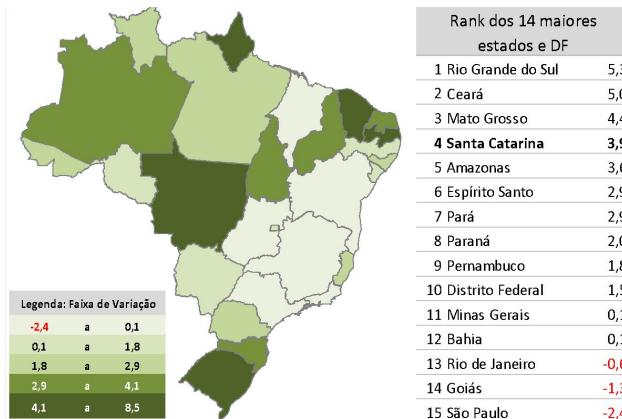
10. Desempenho dos Estados

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%) (Base: 12 meses anteriores)

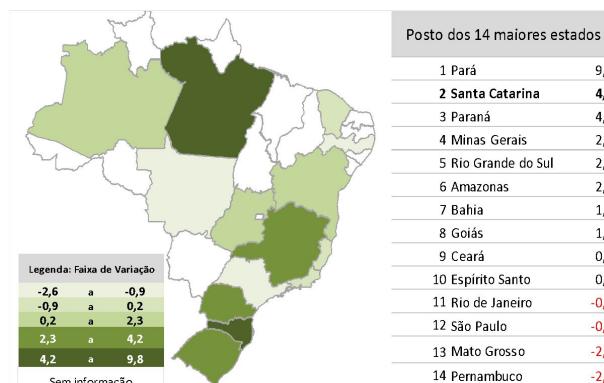
VOLUME DE SERVIÇOS (SETEMBRO)



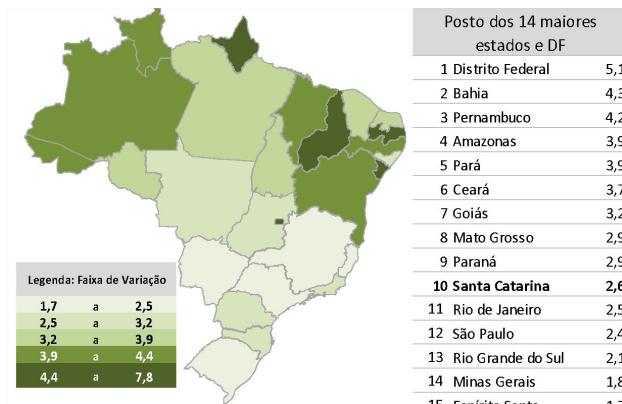
VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (SETEMBRO)



PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA (SETEMBRO)



EMPREGO FORMAL (OUTUBRO)



SERVIÇOS: SC MANTÉM O SEGUNDO MAIOR CRESCIMENTO DO PAÍS

SC segue com o segundo posto entre as doze maiores Unidades Federativas (UFs) produtoras de serviços, posição que se mantém desde dezembro passado. O crescimento do volume de serviços produzidos somente é superado pelo Distrito Federal. Nos últimos doze meses encerrados em setembro, o volume de serviços cresceu 5% em SC, enquanto a média do País foi 3,1%.

COMÉRCIO: CRESCIMENTO ACIMA DA MÉDIA

Entre as 15 maiores UFs varejistas do País, o varejo ampliado de SC manteve o quarto maior crescimento nos últimos 12 meses encerrados em setembro, sob o mesmo período anterior. A média brasileira na mesma comparação registrou uma alta de 0,7%.

INDÚSTRIA: MAIOR CRESCIMENTO DO CENTRO SUL DO PAÍS

A indústria catarinense manteve ao longo de 2025 o segundo posto em crescimento entre os 14 estados industrializados do País. Com uma alta de 3,9% nos últimos 12 meses até setembro, a produção estadual supera com folga o crescimento da média nacional, de 1,5%, sendo o maior crescimento do Centro-Sul, somente superado pelo Pará, cuja produção está focada na mineração, energia e infraestrutura.

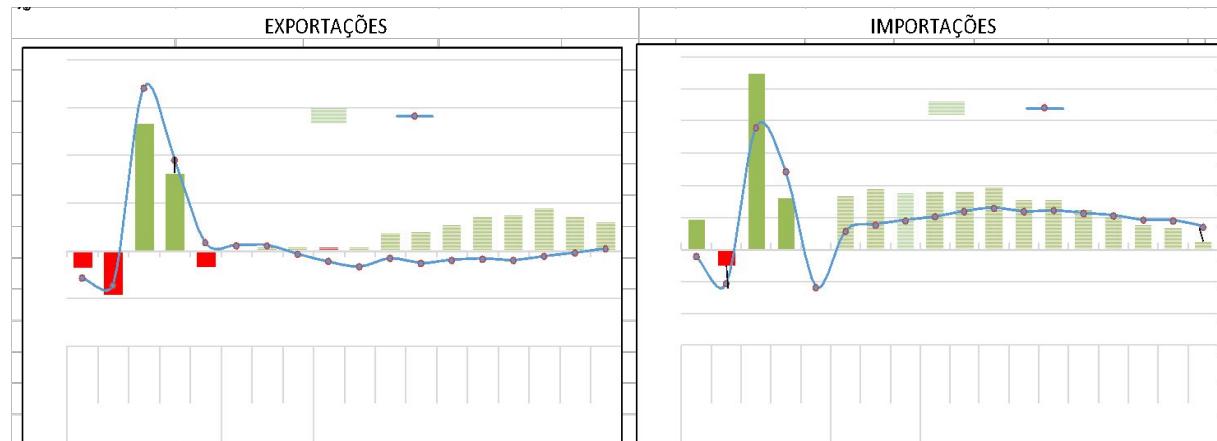
EMPREGO: CRESCIMENTO PERDE FORÇA NO CENTRO-SUL DO BRASIL

O ritmo de geração de novos postos de trabalho formal continua mais aquecido no Norte/Nordeste do País, impulsionado principalmente pelo avanço das atividades extrativistas, de serviços e da construção naquelas regiões. Também, a base alta de comparação no Centro-Sul influenciou. Ainda assim, no acumulado do ano até outubro, a economia estadual gerou 66,7 mil novos postos.

11. Comércio Exterior

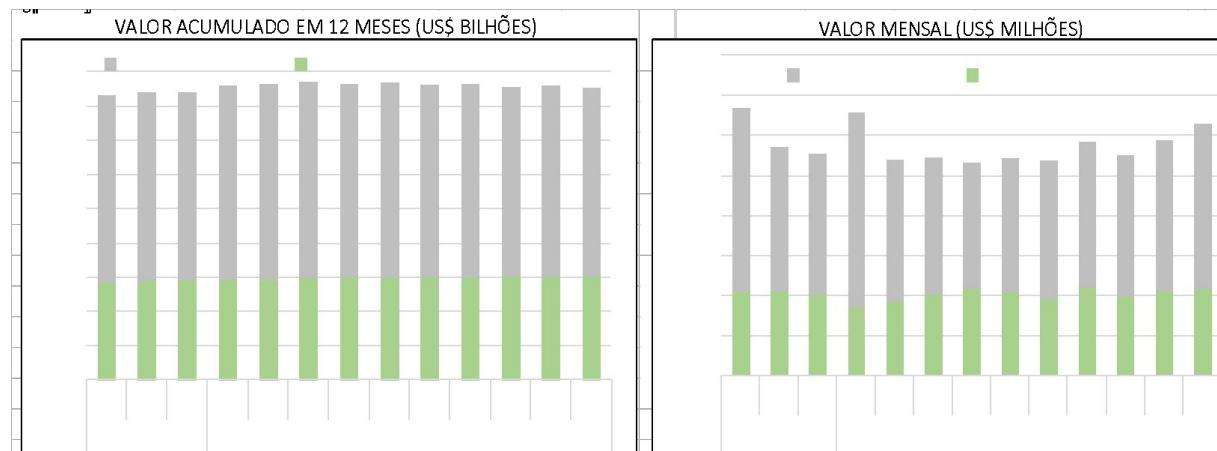
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA DE 12 MESES

(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: Mdic/Secex

BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA



COMÉRCIO EXTERIOR DESACELERA

As exportações catarinenses totalizaram US\$1,1 bilhão em outubro, o maior faturamento para o mês da série histórica. O tarifaço americano ocasionou uma retração em agosto, mas que teve reversão nos dois meses subsequentes. Na comparação interanual, o desempenho também foi positivo, com alta de 5,2% em relação a outubro de 2024.

De acordo com dados do Observatório da FIESC, as maiores altas nas exportações catarinenses em outubro foram impulsionadas pelos segmentos de carnes de aves e suínas, que apresentaram desempenho expressivo tanto em volume quanto em valor exportado. Além disso, motores elétricos e suas partes também contribuíram de forma relevante para o resultado positivo do mês.

No acumulado do ano, as exportações catarinenses totalizaram US\$10,1 bilhões, uma alta de 5,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. O valor das vendas de cortes de aves tiveram alta de 10,4%, mantendo a primeira posição na pauta, com participação de 14,5% do total (classificação CUCI/item). Na segunda posição, as carnes suínas congeladas, com alta de 11,9% e 14,4% do total. Entre os dez principais itens da pauta, destacam-se ainda as altas nas exportações de tabaco e madeira, enquanto houve retração nas vendas de motores elétricos, peças para motores e soja.

No acumulado do ano, as exportações catarinenses destinadas aos Estados Unidos mantiveram a liderança, com participação de 12,7% do total, embora tenham registrado uma queda expressiva de 9,3% em relação ao mesmo período de 2024. A China permaneceu como segundo principal destino, respondendo por 9,9% das exportações, também com retração de 8,5%. Em contrapartida, destacaram-se as altas significativas para a Argentina, Chile e Arábia Saudita, com elevações de 25,2%, 36,3% e 37,5%, respectivamente — ocupando o terceiro, sexto e nono lugar entre os principais destinos da pauta.

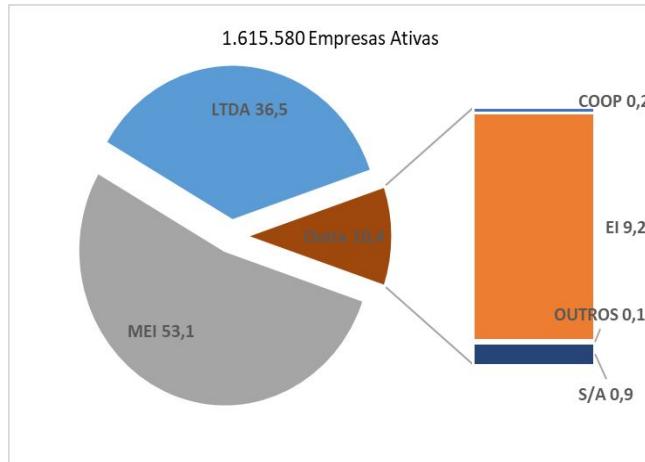
Já o valor das importações dá claros sinais de desaceleração, muito provavelmente devido à perda de fôlego da economia brasileira. No acumulado do ano, o valor importado por Santa Catarina cresceu 1,6% e atingiu US\$28,6 bilhões.

As exportações brasileiras registraram no acumulado do ano até outubro uma alta de 1,9%, enquanto as importações cresceram 7,1% no mesmo período, indicando, também, um movimento de desaceleração.

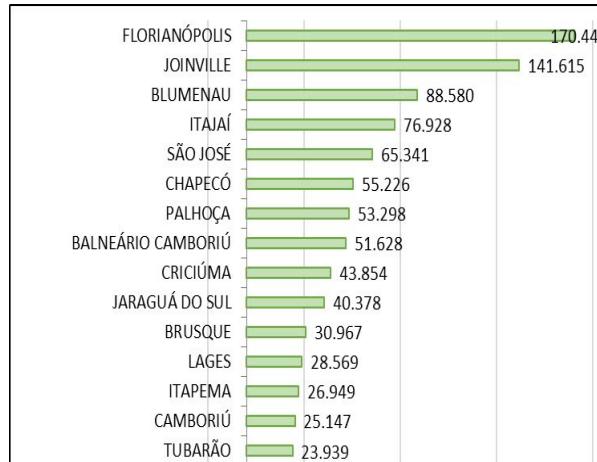
Muitas incertezas continuam rondando o comércio mundial, influenciadas pelas guerras e conflitos em curso e também pelos efeitos do tarifaço americano.

12. Empresas Ativas, Constituídas e Extintas em Santa Catarina

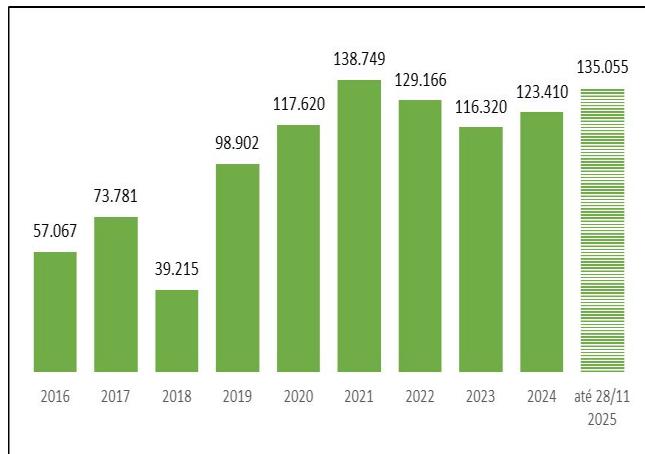
TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR NATUREZA



TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR MUNICÍPIO



SALDO ENTRE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E EXTINTAS



Fonte: Jucesc

EMPRESAS ATIVAS

O número de empresas ativas em SC até o dia 1/12/2025 era de 1.615.580. Desse total, 53,1% referem-se a microempreendedores individuais (MEI), enquanto 36,5% são LTDA. Os empreendedores individuais (EI) respondem por outros 9,2% e as S/A's por 0,9%.

DISTRIBUIÇÃO POR MUNICÍPIO

Florianópolis lidera o empreendedorismo em Santa Catarina. Do total de empresas ativas no Estado, 57,1% estão registradas nos quinze municípios destacados no gráfico.

EMPRESAS CONSTITUÍDAS

O saldo entre empresas constituídas e extintas pela Junta Comercial de SC em 2021 era de 138,7 mil novas empresas, número recorde da série iniciada em 2016. Em 2022, o saldo fechou o ano em 129,2 mil. No ano seguinte, ficou em 116.320. Já em 2024, SC fechou com um saldo de 123.410, número que superou o saldo de 2023. Em 2025, o saldo até 28/11 estava em 135.055.

POR SETOR

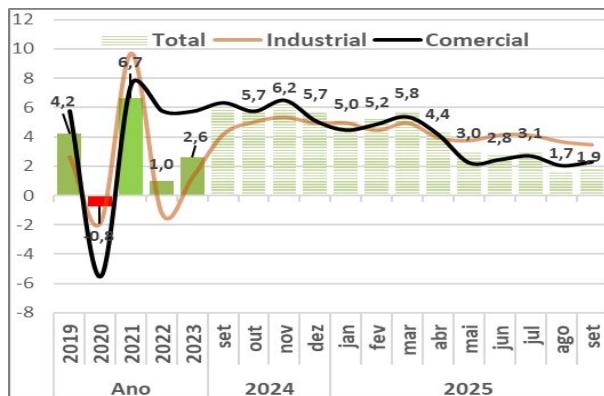
Do total de 277.551 empresas que foram constituídas em 2025, o segmento do Comércio liderou entre os demais. Os Transportes, as Atividades administrativas e a Indústria de transformação seguem como os empreendimentos mais atrativos, conforme o quadro ao lado.

Setor	Qtde
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	48.740
Transporte, armazenagem e correio	41.050
Atividades administrativas e serviços complementares	27.543
Indústrias de transformação	27.422
Construção	24.861
Atividades profissionais, científicas e técnicas	24.549
Alojamento e Alimentação	19.185
Outras atividades de serviços	18.182
Educação	11.011
Saúde humana e serviços sociais	8.341
Informação e comunicação	8.112
Serviços domésticos	5.367
Atividades imobiliárias	4.636
Atividades Financeiras, de seguros e serviços relacionados	3.659
Artes, cultura, esporte e recreação	2.274
Agricultura, pecuária, florestas, pesca e aquicultura	1.909
Outras	710
Total	277.551

13. Consumo de Energia Elétrica, Vendas de Óleo Diesel, Veículos Novos e Cimento

ENERGIA ELÉTRICA

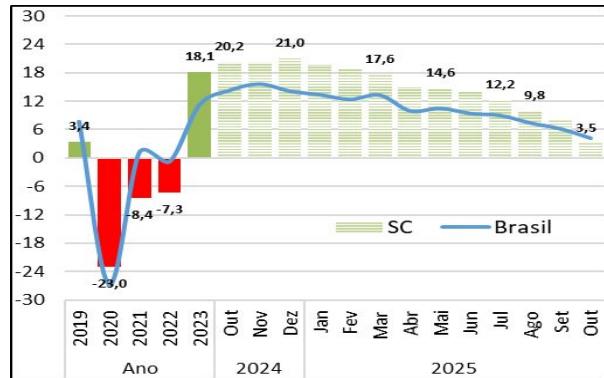
Taxa de crescimento acumulada em 12 meses (%)
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: Celesc

EMPLACAMENTO DE VEÍCULOS NOVOS

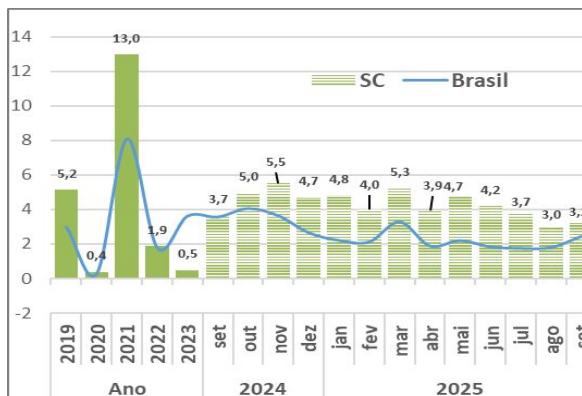
Taxa de crescimento acumulada em 12 meses (%)
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: Fenabrade/SC-ANFAVEA

ÓLEO DIESEL

Taxa de crescimento acumulada em 12 meses (%)
(Base: 12 meses anteriores)



ENERGIA ELÉTRICA

Com a economia desacelerando e o custo da energia elétrica subindo, a demanda vem caindo. Em 12 meses até setembro, o consumo total cresceu 1,9%, consolidando uma desaceleração do consumo, que vem ocorrendo desde o último trimestre de 2024. O consumo industrial perdeu fôlego mas ainda cresceu 3,5% nessa última comparação. Da mesma forma, o consumo comercial cresceu 2,3% e o residencial, 3,3%, ambos registrando desaceleração na mesma comparação.

ÓLEO DIESEL

Com a atividade econômica aquecida, o segmento dos Transportes se mostrou bastante dinâmico ao longo de todo o ano passado e, por consequência, as vendas de óleo diesel tiveram uma boa recuperação, tanto em SC como na média do País. Porém, ao longo de 2025 observa-se que as vendas demonstraram uma tendência de retração e refletem a desaceleração da economia. Na comparação de 12 meses até setembro cresceram 3,2%, abaixo do crescimento verificado no início do ano, conforme gráfico ao lado.

VEÍCULOS

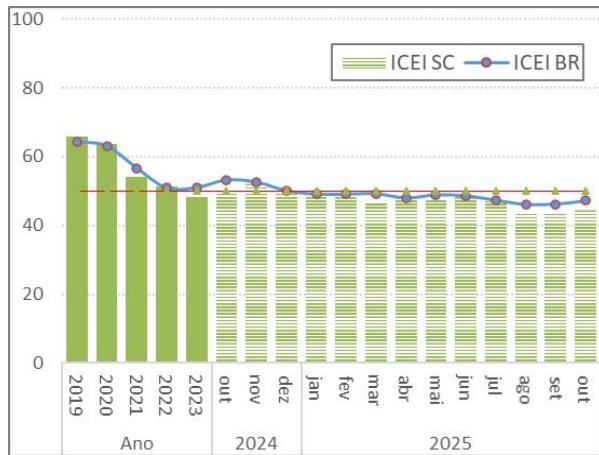
Com a expressiva alta dos juros, o mercado de automóveis perde fôlego, tanto em SC como na média brasileira. Após um forte crescimento, tanto em 2023 como em 2024, o segmento agora tende a uma acomodação. O número de veículos emplacados no estado cresceu 3,5% no acumulado de 12 meses até outubro, sob o mesmo período anterior. Em 2024 havia crescido 21% e em 2023, outros 18%. Mais recentemente, no entanto, o encarecimento do crédito e as incertezas na economia esfriaram as vendas, que tiveram um crescimento moderado.

CIMENTO

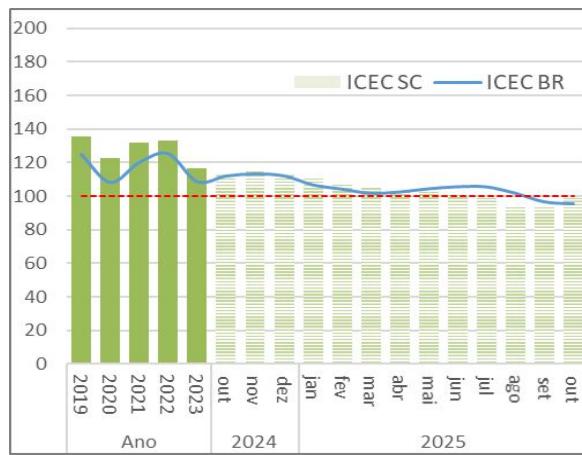
De acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (SNIC), apesar do crescimento do emprego e da renda no País, os juros e o endividamento em patamares elevados estão travando o crescimento do segmento. A expectativa de alta para 2025 está entre 2,0% e 3,0%. Essa perspectiva se ancora na força dos investimentos contínuos em infraestrutura, com destaque para habitação (MCMV) e a forte expansão do pavimento de concreto rodoviário e urbano.

PESSIMISMO NA INDÚSTRIA

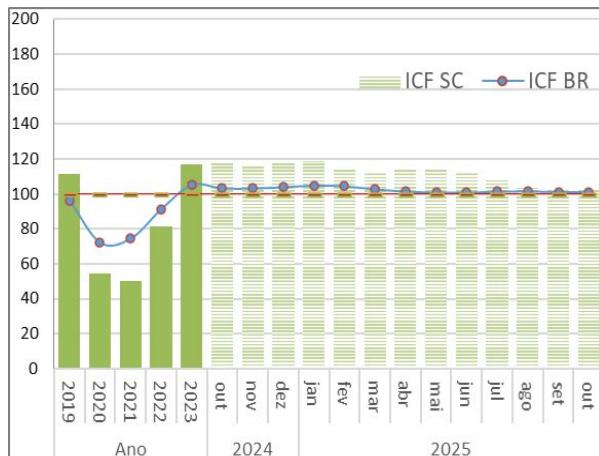
14. Índices de Confiança

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI (1)

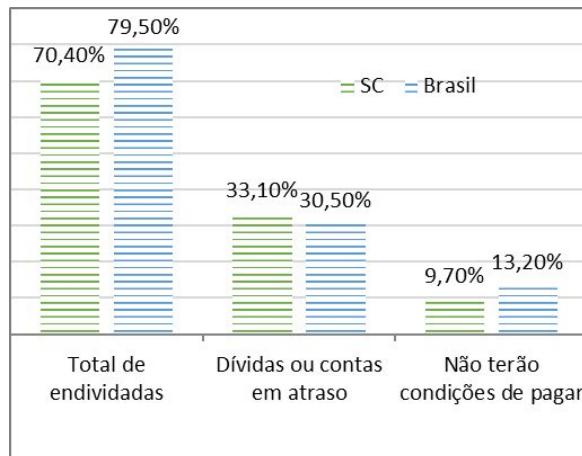
Fonte: Fiesc e CNI

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO - ICEC (2)

Fonte: Fecomércio/SC e CNC

INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS - ICF (3)

Fonte: Fecomércio/SC e CNC

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS - OUTUBRO 2025

Fonte: Fecomércio/SC e CNC

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) registrou pessimismo ao longo do ano, tanto em SC como em nível nacional. O indicador recuou de 49,2 pontos em janeiro para os patamares mais baixos do ano em agosto e setembro (43,5 pontos). Apresentou leve recuperação em outubro, ao atingir 45 pontos, sempre abaixo, portanto, da linha divisória de 50 pontos. Essa situação foi influenciada pelas taxas de juros em patamares elevados desde o ano passado e pelas incertezas crescentes no cenário nacional e internacional. O tarifaço americano foi mais um ingrediente neste cenário desafiador.

COMÉRCIO: CONFIANÇA MELHORA CHEGADA DO VERÃO

A confiança dos empresários do comércio se deteriorou em 2025. O ICEC recuou de 111,3 pontos em janeiro para 93,6 pontos em setembro. Em outubro, teve a única alta do ano, atingindo 98,6 pontos, interrompendo uma sequência de quedas desde dezembro de 2024. Mas desde julho o indicador manteve-se em patamar pessimista, influenciado por um período prolongado de juros elevados, que desestimulam o consumo, dificultam o crédito e aumentam o endividamento das famílias.

INTENÇÃO DE CONSUMO

Apesar de perder confiança ao longo do ano, o consumidor catarinense mantém-se otimista e com a intenção de consumo acima da média nacional. Os componentes Emprego e Renda, Nível de Consumo, Acesso ao Crédito e Perspectiva de Consumo sustentaram essa percepção. Em termos de expectativas, a Perspectiva Profissional é o subindicador de maior robustez.

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

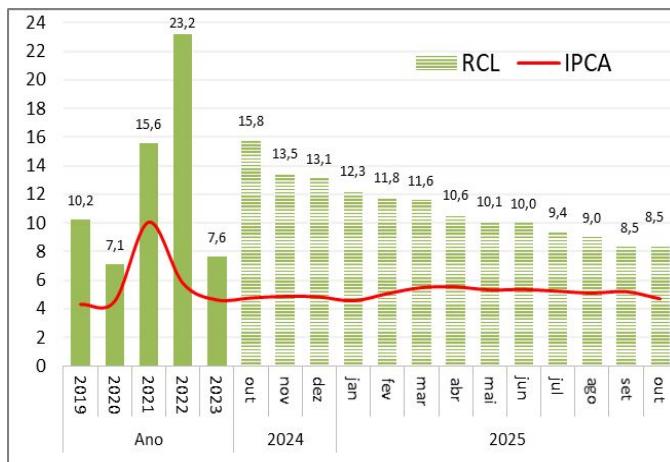
Os indicadores nacionais de endividamento atingiram recordes históricos. Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), essa tendência deve continuar nos próximos meses, refletindo o maior comprometimento da renda com despesas financeiras e a tendência de prolongamento da inadimplência. Em SC, o endividamento permanece abaixo da média nacional, mas a inadimplência teve alta, superou a média e atingiu o maior patamar da série.

1) O ICEI mede a opinião dos industriais sobre as condições econômicas. Varia no intervalo de 0 a 100. Acima de 50 significa confiança, e abaixo, falta de confiança na economia. (2) O ICEC mede a percepção dos empresários do comércio no seu ambiente de negócios. Varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a insatisfação e a satisfação dos empresários. (3) O ICF varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a avaliação de pessimismo e de otimismo das famílias.

15. Receita Corrente Líquida - RCL⁽¹⁾

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

Base: 12 meses anteriores



VARIAÇÃO MENSAL (%)

Base: mesmo mês do ano anterior



CRESCIMENTO (%) DA RCL POR TIPO DE RECEITA - OUTUBRO

VARIAÇÃO ACUMULADA 12 MESES

Base: 12 meses anteriores

RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (- II)	
RECEITAS CORRENTES 1 (I)	
Receita Tributária (RT)	
ICMS	
IPVA	
ITCMD	
IRRF	
Outras Receitas Tributárias	
Transferências Correntes	
Outras Receitas Correntes	
DEDUÇÕES (II)	

Fonte: SEF-SC/GEINF - Sigef

⁽¹⁾ A RCL é o somatório das receitas tributárias, de contribuições, patrimoniais, industriais, agropecuárias, de serviços, transferências correntes e outras receitas também correntes, deduzidas as parcelas entregues aos municípios por determinação constitucional e a contribuição dos servidores para o custeio do seu sistema de previdência e assistência social e as receitas provenientes da compensação financeira citada no parágrafo 9º do Art. 201 da Constituição.

RCL CRESCE MENOS

O crescimento da Receita Corrente Líquida (RCL) do Estado mantém trajetória de desaceleração desde o segundo semestre de 2024. Apesar disso, a RCL continua apresentando variação real positiva, dado que sua expansão ainda supera a inflação. Observa-se, contudo, uma convergência gradual entre as taxas de crescimento nominal da receita e da inflação, resultando em redução contínua do ganho real ao longo do período — com exceção do mês de outubro, quando a desaceleração inflacionária ampliou temporariamente o diferencial favorável à receita.

Após crescer 13,1% e atingir um recorde de R\$46,6 bilhões em 2024, o crescimento da RCL vem perdendo fôlego. Nos últimos 12 meses encerrados em outubro de 2025 cresceu 8,5%, sob o mesmo período anterior. Bem abaixo, portanto, dos 12,3% que crescia nesta mesma comparação em janeiro passado.

O valor da RCL arrecadado de outubro foi R\$4,192 bilhões, 8,8% maior do arrecadado no mesmo mês de 2024. No ano, a RCL acumula alta de 8,9%.

O crescimento das receitas correntes nos 12 meses encerrados em outubro, em relação ao mesmo período anterior, ocorreu como resultado do aumento de 7,6% da Receita Tributária (RT) e de 6,4% das Transferências Correntes, sendo que as Outras Receitas Correntes cresceram 13,4%. As Deduções tiveram um crescimento de 6,4%. Com isso, a RCL teve alta de 8,5%, nesse tipo de comparação, conforme gráfico ao lado. A inflação nessa mesma comparação foi 4,7%.

| 16. Receita Tributária - RT

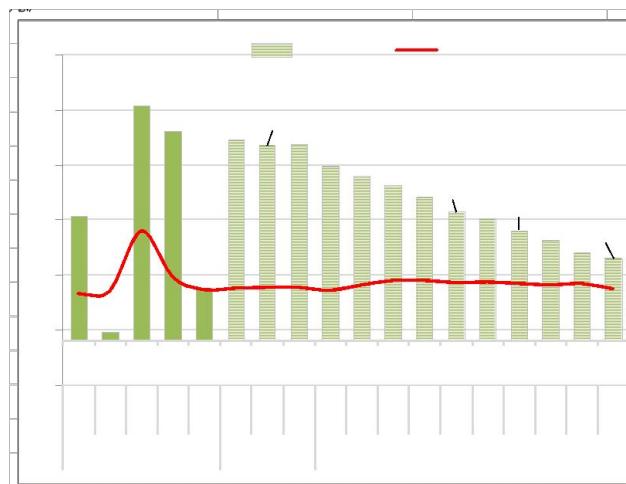
RECEITA TRIBUTÁRIA

Demonstrativo resumido da receita tributária

2025 (em R\$ milhões)		
	Outubro	acum. 12 meses
Receita Tributária	4.682,5	55.848,0
ICMS	3.716,5	44.775,3
IPVA	399,9	4.484,7
ITCMD	89,1	1.035,2
IRRF	267,6	3.212,3
Outras	209,4	2.340,6

ICMS

Taxa de crescimento acumulado em 12 meses (%)
Base: 12 meses anteriores



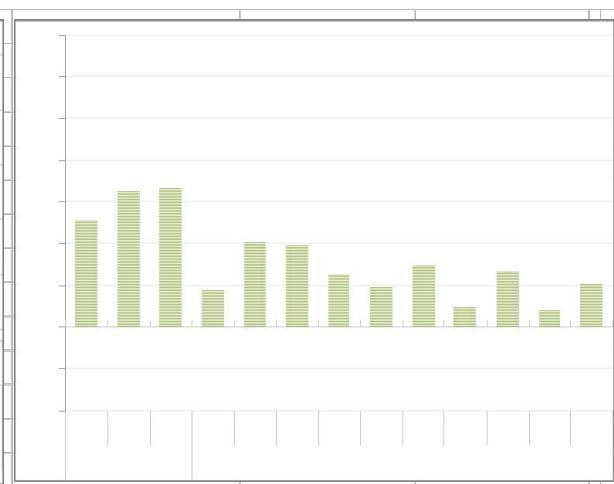
RECEITA TRIBUTÁRIA

Taxa de crescimento acumulado em 12 meses (%)
Base: mesmo período anterior



ICMS

Taxa de crescimento do mês (%)
Base: mesmo mês do ano anterior



Fonte: SEF-SC/Geinf-Sigef

RECEITA TRIBUTÁRIA DESACELERA

A economia catarinense continua crescendo, ainda que boa parte dos indicadores demonstrem um processo de desaceleração. Essa perda de ritmo vem refletindo na arrecadação tributária, que também desacelera. A base alta de comparação também influenciou, já que o valor arrecadado vem repetindo um crescimento robusto e valores recordes desde 2022. Em 2025, esta tendência deverá também se confirmar.

Já nos doze meses encerrados em outubro, sob o mesmo período anterior, o crescimento retraiu para uma alta de 7,6%, ainda bastante expressivo e acima da variação da inflação, de 4,7%, no mesmo período.

No acumulado do ano, a RT cresceu 6,2% até outubro, sob o mesmo período anterior, mas retraiu 1,1% na comparação com outubro de 2024.

O crescimento de 7,6% da RT nesses últimos doze meses ocorreu como resultado do crescimento das receitas com o ICMS, de 7,5%, que respondeu por 79,6% do total. Também contribuíram o IPVA, que cresceu 10,5%; o ITCMD, 2,8%; o IRRF, 8,0% e as Outras Receitas Tributárias, 5,3%.

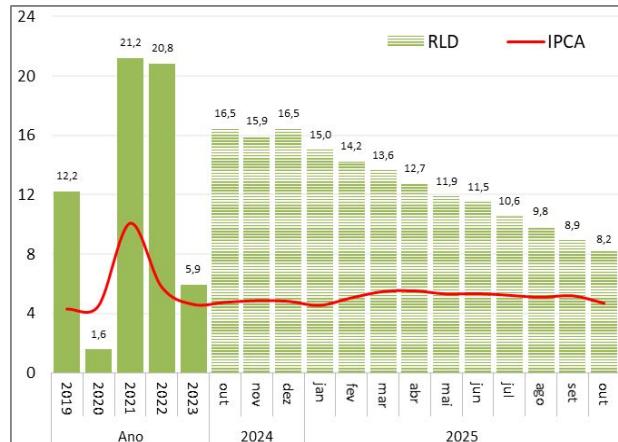
O crescimento das receitas reflete, também, a atuação do Fisco estadual, que vem se notabilizando na implementação de inovações na área tributária, como a operação das malhas fiscais e a gestão dos dados de pagamentos. O Plano de Ajuste Fiscal (Pafisc) e medidas voltadas à desburocratização e à atração de investimentos também influenciaram.

17. Receita Líquida Disponível - RLD

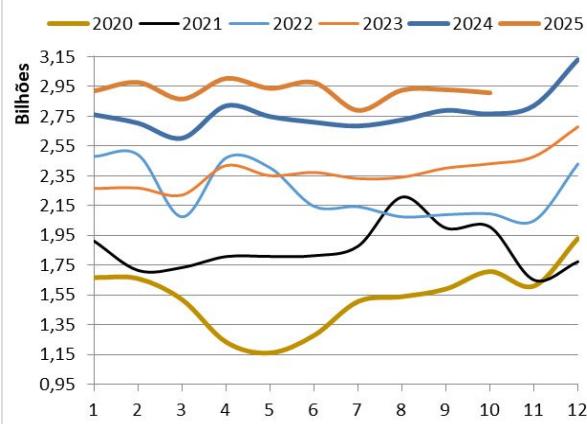
RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL - RLD⁽¹⁾

Taxa de crescimento acumulado em 12 meses (%)

Base: 12 meses anteriores

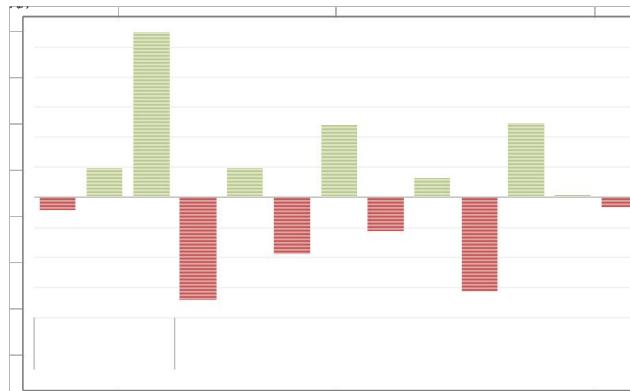


ARRECADAÇÃO MENSAL (R\$ BILHÕES)



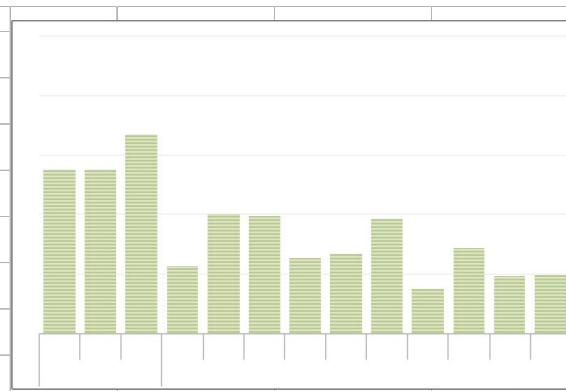
VARIAÇÃO MENSAL (%)

Base: mês anterior



VARIAÇÃO MENSAL (%)

Base: mesmo mês do ano anterior



⁽¹⁾ A RLD é a diferença entre as receitas correntes deduzidos os recursos vinculados provenientes de taxas que, por legislação específica, devem ser alocadas a determinados órgãos ou entidades, de receitas patrimoniais, indenizações e restituições do Tesouro do Estado, de transferências voluntárias ou doações recebidas, da compensação previdenciária entre o regime geral e o regime próprio dos servidores, da cota-parte do Salário-Educação, da cota-parte da CIDE, da cota-parte da Compensação Financeira de Recursos Hídricos e dos recursos recebidos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB.

RLD MANTÉM TENDÊNCIA DE DESACELERAÇÃO

A RLD de outubro atingiu R\$2,9 bilhões, um recuo de 0,7% na comparação com o mês anterior. A retração foi a quinta do ano nesta mesma comparação.

Com isso, confirma-se a tendência de desaceleração dessa receita na comparação de doze meses, iniciada no final do ano passado.

Nos últimos 12 meses até outubro, a RLD cresceu 8,2%, na comparação com o mesmo período anterior. Foi o décimo mês consecutivo de queda nesta mesma comparação.

A desaceleração da economia, em grande medida, explica esta tendência, mas deve-se também à base alta de comparação

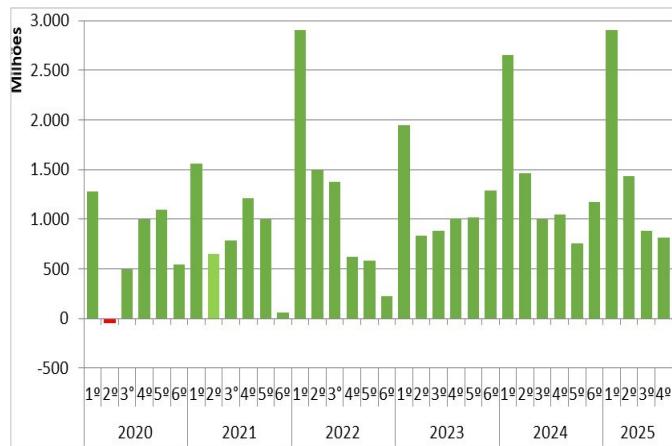
Depois de uma alta de 5,9% em 2023, quando atingiu R\$28,6 bilhões, a RLD cresceu 16,5% em 2024 e atingiu R\$33,3 bilhões.

Vale ressaltar que a RLD de 2021 e 2022 tiveram um crescimento expressivo de 21,2% e 20,8%, respectivamente, um recorde da série histórica.

18. Outros Indicadores Fiscais de Santa Catarina

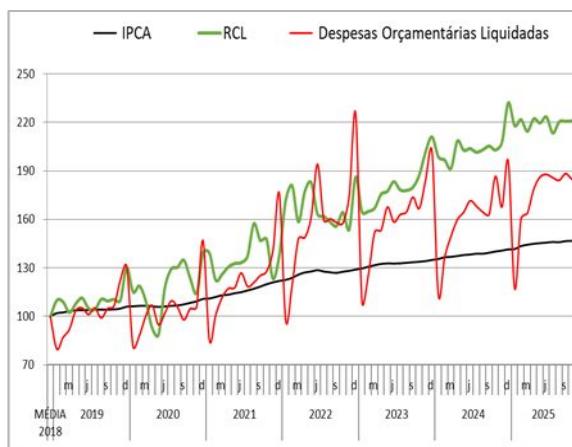
BALANÇO ORÇAMENTÁRIO: EVOLUÇÃO BIMESTRAL (EM R\$ MILHÕES)

Diferença entre as receitas correntes realizadas e as despesas correntes liquidadas



EVOLUÇÃO MENSAL DAS DESPESAS E DA RCL

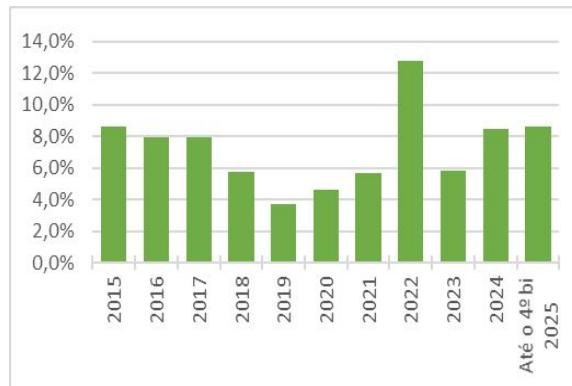
Série encadeada do valor corrente das despesas orçamentárias liquidadas e da rcl (média 2018=100)



EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO DESPESA COM PESSOAL/RCL (%)



EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS PARTICIPAÇÃO SOBRE A RCL (%)



Fonte: SEF/SIGEF/SC: Relatório Resumido da Execução Orçamentária (RREO)

BALANÇO ORÇAMENTÁRIO

A evolução da diferença entre as Receitas Correntes Realizadas e as Despesas Correntes Liquidadas do Balanço Orçamentário do Executivo Estadual é apresentada por bimestre para o período de 2020 até o quarto bimestre de 2025. Observa-se, no período, à exceção do segundo bimestre de 2020, sucessivos superávits na execução orçamentária do Estado. Em 2023, o superávit acumulado foi R\$6,976 bilhões. Em 2024, o superávit cresceu 15,9% e atingiu R\$8,1 bilhões. Em 2025, até o quarto bimestre, o superávit foi R\$6,1 bilhões.

RCL X DESPESAS

A evolução mensal da Receita Corrente Líquida, das Despesas Orçamentárias Liquidadas e do IPCA, no período de 2019 a outubro de 2025, em relação às respectivas médias de 2018, demonstra uma tendência de crescimento da RCL acima da evolução das despesas.

DESPESAS COM PESSOAL

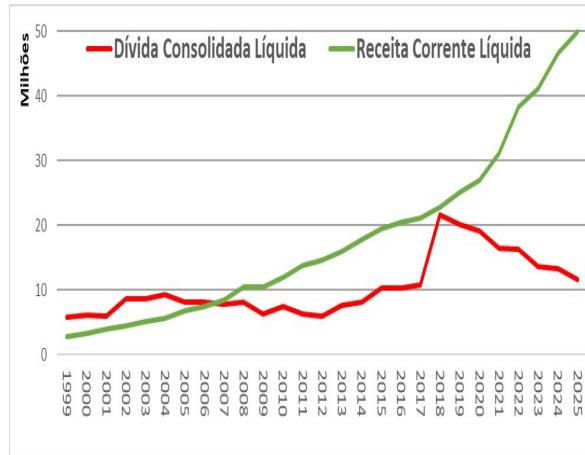
A LRF estabelece o limite máximo de 49% da RCL para gastos com pessoal no Poder Executivo. Em SC, entre 2014 e 2017, a variável evoluiu próxima a esse limite, sendo que no terceiro quadrimestre de 2017 o limite foi ultrapassado. Em 2018 houve uma ligeira queda, tendência que se acentuou até 2021, quando os gastos se posicionaram pela primeira vez abaixo do limite de alerta, de 44,1%. Em 2022 houve mais uma queda e atingiu 41,8%. Em 2023, o indicador teve discreta alta, porém, recuou para 39,7% em 2024, sendo esse o percentual mais baixo da série iniciada em 2011. Em 2025, o indicador fechou o segundo quadrimestre com mais uma queda, a 38,3%.

INVESTIMENTOS

Em 2023, o governo estadual alocou R\$2,406 bilhões em investimentos ou 5,8% da RCL. Em 2024, os investimentos cresceram 64% ao atingir R\$3,9 bilhões, o equivalente a 8,5% da RCL. Até o quarto bimestre de 2025, os investimentos somaram R\$2,858 bilhões ou 8,6% da RCL do período.

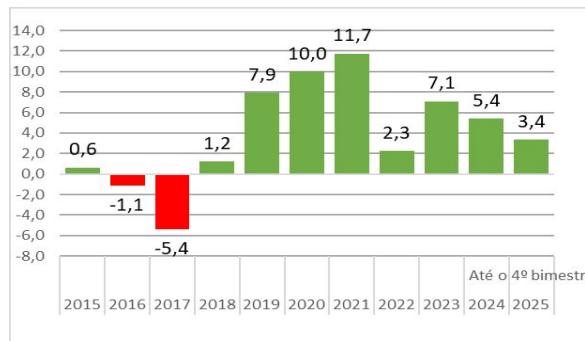
19. Indicadores da Dívida e do Resultado Primário do Estado

**EVOLUÇÃO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (RCL)
E DA DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA (DCL)
DO ESTADO DE SC**



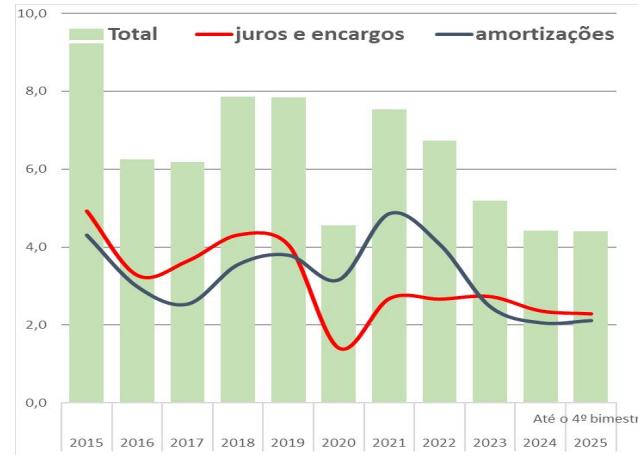
Fonte: SEF-DICF/RREO (até o 4º bimestre de 2025)

RESULTADO PRIMÁRIO EM PERCENTUAL DA RCL (%)



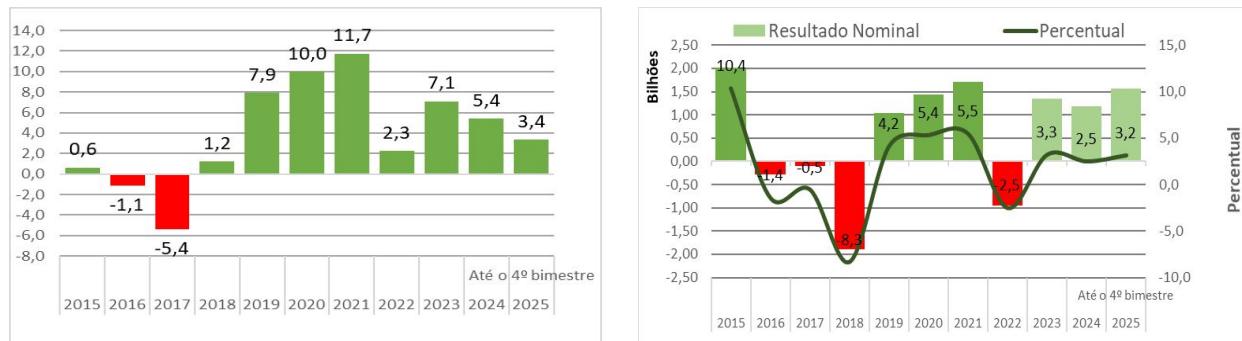
Fonte: SEF-DICF/RREO

SERVIÇO DA DÍVIDA EM % DA RCL



Fonte: SEF-DICF/RREO

**RESULTADO NOMINAL
(em R\$ bilhões e em percentual da RCL)**



DÍVIDA DO ESTADO

A Lei de Responsabilidade Fiscal considera a relação DCL/RCL para verificar o limite máximo de endividamento dos estados. O limite é de 200% da RCL. Em SC, a DCL fechou 2023 em R\$13,7 bilhões ou 33% da RCL. Em 2024, caiu para R\$13,2 bilhões, ou 28% da RCL, a mais baixa proporção da série iniciada em 1999. Em 2025, até o 4º bimestre, a dívida teve mais uma retração expressiva, agora situada em R\$11,6 bilhões, ou 23% da RCL. Entre 2022 e 2025, a Dívida Consolidada Líquida de SC diminuiu em R\$4,6 bilhões.

SERVIÇO DA DÍVIDA

O gráfico apresenta a evolução do serviço da dívida estadual em proporção da RCL. Em 2023, o valor atingiu R\$2,140 bilhões, ou 5,2% da RCL do período. Em 2024, foram alocados outros R\$2,057 bilhões entre amortizações, juros e encargos, valor que correspondeu a 4,4% da RCL. Até o quarto bimestre de 2025, o tesouro alocou R\$1,4 bilhões no serviço da dívida, ou 4,4% da RCL do período.

RESULTADO PRIMÁRIO

O resultado primário é a diferença entre receitas e despesas do governo, excluindo-se as receitas e despesas com juros. Entre 2018 e 2021, SC obteve superávits crescentes, porém, em 2022 recuou para R\$864 milhões. Em 2023, o superávit voltou a crescer e atingiu R\$2,9 bilhões ou 7,1% da RCL. Em 2024, o superávit foi R\$2,5 bilhões, acima da meta de R\$1,078 bilhão. Até o 4º bimestre de 2025, o resultado primário foi R\$1,7 bilhões, correspondente a 3,4% da RCL.

RESULTADO NOMINAL

É a diferença entre o fluxo agregado de receitas totais (inclusive de aplicações financeiras) e de despesas totais (inclusive com juros). Entre 2016 e 2018, SC obteve resultado deficitário; e entre 2019 e 2021, superávits crescentes. Em 2022, voltou a registrar déficit, mas em 2023 obteve superávit de R\$1,3 bilhão. Em 2024, o nominal recuou, mas foi superavitário em R\$1,2 bilhões frente a uma meta de R\$686 milhões. Até o 4º bimestre fechou em R\$1,6 bilhões, frente a uma meta para o ano de R\$1,8 bilhão.



**GOVERNO DE
SANTA
CATARINA**
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO



+55 (48) 3665-1796
www.sc.gov.br

@/seplan.sc

Endereço:
Centro Administrativo do Governo, Rod. SC 401 – km 15
nº 4.600, Florianópolis - SC | CEP: 88032-900